



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JORGE GERMANO DIAS DE BRITO

SANTA TERESA DE JESUS
EXPERIÊNCIA ORANTE DE UMA VIDA DETERMINADA

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

Porto
2014

SIGLÁRIO

I. SAGRADA ESCRITURA

Dt	Deuteronómio
Lc	São Lucas
1 Cor	1ª aos Coríntios

II. MAGISTÉRIO DA IGREJA

CIC	Catecismo da Igreja Católica
-----	------------------------------

III. ESCRITOS TERESIANOS

Conc.	Conceitos do Amor de Deus
CP	Caminho de Perfeição
Cta.	Cartas
Exc	Exclamações da Alma a Deus
F	Fundações
M	Moradas ou Castelo Interior
Po	Poesia
V	Vida

INTRODUÇÃO

Santa Teresa de Jesus é uma das figuras mais marcantes de toda a Igreja. É já no contexto de Seminário que vou descobrindo e fazendo algumas leituras espirituais da sua pessoa, da sua vida e da sua mensagem doutrinal.

O meu primeiro contacto com os ensinamentos teresianos foi logo pelo 1º ano do Seminário Maior, onde os colegas mais velhos ofereceram aos “caloiros” um quadro com um dos poemas de Santa Teresa de Jesus: *“nada te turbe, nada te espante, tudo passa, só Deus não muda. A paciência tudo alcança. Quem a Deus tem nada lhe falta. Só Deus basta”*.

O segundo momento, no qual eu e Santa Teresa de Jesus nos voltamos a cruzar, é pelo meu aniversário onde me é oferecido as OBRAS COMPLETAS. Foi sem dúvida um magnífico instrumento de itinerário espiritual, sobretudo na leitura e meditação do “Livro da Vida”.

Finalmente, o terceiro momento, mais decisivo e apaixonante, foi no Carmelo de Santa Teresa de Jesus em Coimbra, com a Irmã Ana Sofia, que numa recollecção mensal nos deu o seu testemunho e nos transmitiu uma imensa alegria pela sua opção de entrega e de serviço a Jesus Cristo. No decorrer da sua intervenção, foi elucidativo que também eu poderia ter os mesmos sentimentos da Santa Madre, em querer algo para toda a vida; algo apaixonante, que fosse determinante e que determinasse a minha vida.

Após este conhecimento da vida e da espiritualidade teresiana é-me possível, com este trabalho de mestrado, ir mais longe na descoberta e na compreensão da sua figura, da sua doutrina e da sua mensagem para os nossos dias. Santa Teresa de Jesus continua a ser intemporal.

É um trabalho de mestrado que está dividido em três capítulos, concretamente: Santa Teresa de Jesus: Mulher do seu tempo; Santa Teresa de Jesus: Presença actual na vida da Igreja e do Mundo e Traços da Doutrina Espiritual de Santa Teresa de Jesus.

O primeiro capítulo é assim mais dedicado a uma contextualização e a uma apresentação da sua vida e do seu tempo, século XVI, século de ouro Espanhol. Apesar das várias transformações e vicissitudes, veremos que Santa Teresa de Jesus é uma figura incontornável, partindo sempre da sua própria experiência e do seu testemunho de fé.

O segundo capítulo, partindo da experiência e do testemunho, toma uma vertente mais pastoral. Santa Teresa, pela sua “determinada determinação”, sempre soube sentir com e em Igreja. Sem rodeios, fala da necessidade de “aqui e agora” nos predispor ao Reino de Deus. Todo o seu ensinamento levou a Igreja através do Papa Paulo VI, a declará-la Doutora da Igreja.

O terceiro capítulo é uma abordagem a alguns dos temas do seu magistério espiritual. O grande eixo que conduz este capítulo é a oração, a qual deve ser entendida como amizade com Deus e não como trato comercial. Em toda a sua doutrina, Santa Teresa de Jesus, faz uma explicação harmoniosa e grandiosa do Evangelho. Na sua vida, nos seus escritos, nos seus ensinamentos é Jesus Cristo o centro, o acontecimento fundante e fundamental.

Finalmente, este trabalho de mestrado é fruto de uma imensidade de artigos recolhidos das revistas de Espiritualidade Portuguesa e Espanhola, de uma extensível leitura de obras facultadas pelas Irmãs do Carmelo de Santa Teresa de Jesus, em Coimbra; e de outros estudos e obras aconselhadas que tomamos para o presente trabalho.

CAPÍTULO I

«Oh! Grandeza e Majestade minha! Que fazeis, Senhor meu Todo-poderoso? Vede a quem fazeis tão soberanas mercês! Não Vos recordais que esta alma foi um abismo de mentiras e um pélago de vaidades, e tudo por minha culpa; e apesar de me terdes dado por natureza de aborrecer o mentir, eu mesma me forcei a tratar em muitas coisas com mentira? Como se sofre, Deus meu, como se compadece tão grande favor e mercê com quem tão mal vo-Lo tem merecido?» (V 40, 4).

SANTA TERESA DE JESUS: MULHER DO SEU TEMPO

A vida de Santa Teresa de Jesus (ou D' Ávila) pode ser caracterizada por ser uma vida de Luz, de Alegria e de Amor.

Ainda que possamos caracterizar a sua vida nesta tríplice adjectivação, este capítulo primeiro tem como pretensão traçar alguns acenos da vida de Santa Teresa, assim como, abordar alguns aspectos históricos, sociais e eclesiais de uma época marcada por acentuadas transformações como foi a Espanha do século XVI, realçando a sua experiência e o seu testemunho de Fé.

1. A SUA VIDA

É na primavera de 1515 que nasce para o mundo e em particular em Ávila (Espanha) Teresa de Ahumada y Cepeda, que viria a ser «uma santa que representa um dos vértices da espiritualidade cristã de todos os tempos: santa Teresa de Ávila [de Jesus]»¹.

Dom Alonso Sánchez y Cepeda, pai de Teresa de Ahumada y Cepeda, escreveu:

«No vigésimo oitavo dia do mês de Março do ano de 1515, numa quarta-feira nasceu minha filha Teresa, por volta das cinco horas e meia da manhã, aos primeiros alvares do dia. (...) No dia 4 de Abril, o padrinho e a madrinha de Teresinha pediam em seu nome, na igreja paroquial de São João, «a fé e a vida eterna». (...) A menina recebeu o nome de baptismo da avó materna, Dona Teresa de las Cuevas, ilustre dama castelhana que nem o nome sabia escrever»².

¹ BENTO XVI, “Santa Teresa de Ávila”, *Revista de Espiritualidade* 75 (2011), 169.

² M. AUCLAIR, *Santa Teresa de Ávila*, Livraria A. I., Braga, [2001], 4ª Edição, 13-14.

Da vida de Teresa de Ahumada y Cepeda podemos elencar quatro momentos que nos possibilitam um melhor enquadramento e uma percepção mais detalhada do que foi o seu percurso. Deste modo retenhamos o ano de 1515, a 28 de Março, dia em que nasceu para o mundo; o ano de 1535, a 2 de Novembro, momento em que Teresa foge de casa e entra no Mosteiro da Encarnação; o ano de 1562, a 24 de Agosto com a inauguração do Carmelo de S. José, e, o ano de 1582, a 4 de Outubro, dia em que morre em Alba de Tormes³.

É partindo destes quatro momentos que podemos traçar três etapas, que sucintamente nos oferecem um enquadramento global do que fora a sua vida.

Teresa de Ahumada y Cepeda vive os primeiros vinte anos de existência na sua casa paterna junto de sua família, que para além de seus pais, D. Alonso Sánchez y Cepeda e D. Beatriz de Ahumada, tinha ainda onze irmãos e alguns criados⁴. A propósito de sua família dizia Teresa:

«Ter pais virtuosos e tementes a Deus - se eu não fosse tão ruim - me bastaria, com o que o Senhor me favorecia, para ser boa. Era meu pai afeiçoado a ler bons livros e assim os tinha em vernáculo para que, seus filhos os lessem. Isto, com o cuidado que minha mãe tinha em fazer-nos rezar e sermos devotos de Nossa Senhora e de alguns Santos, fez-me despertar - segundo me parece - na idade de seis ou sete anos. Ajudava-me o não ver em meus pais favor senão para a virtude. Tinham muitas. (...) Éramos três irmãs e nove irmãos. Por bondade de Deus, todos se pareceram com os pais, em ser virtuosos, menos eu, embora fosse a mais querida de meu pai» (V 1, 1-3).

Mais tarde na sua vida, Teresa de Jesus recorda as suas leituras de infância, pelos 6-7 anos, afirmando que nelas encontrou a Verdade, ainda que na vivência da sua adolescência ficasse fascinada por uma leitura mais profana, o que também a encaminhou a uma vida mais mundana. No entanto, recordando a sua infância juntamente com seu irmão Rodrigo dizia:

³ A Cronologia relativamente a todo o percurso de Santa Teresa de Jesus pode ser consultada na parte final deste trabalho, designadamente em Anexo I.

⁴ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos: Biografía e Historia*, Vol. I, Editorial Monte Carmelo, Burgos, [s.d], 26-27.

«Juntávamo-nos ambos a ler a vida dos santos. Como via os martírios que, por Deus, as santas passavam, parecia-me assim. Não pelo amor, que eu entendesse ter-Lhe, senão para gozar, tão em breve, dos grandes bens que lia haver no Céu. E tratava com este meu irmão do meio que haveria para isso. Combinámos ir a terra de mouros, esmolando por amor de Deus, para que lá nos decapitassem; e parece-me que nos dava o Senhor ânimo em tão tenra idade, se víssemos algum meio; mas o termos pais parecia-nos o maior embaraço. (...) Quando vi ser impossível ir aonde me matassem por Deus, resolvemos fazer-nos eremitas; e, numa horta que havia em casa, tentávamos, conforme podíamos, fazer ermidas, pondo umas pedrazitas que logo nos caíam. E assim não achávamos remédio em nada para os nossos desejos; faz-me agora devoção ver como Deus tão cedo me dava aquilo que eu depois perdi por minha culpa» (V 1, 4-5).

Ainda merece menção um momento trágico na vida de Teresa de Ahumada y Cepeda. Teresa estava já pelos seus 14 anos quando ficou órfã de mãe. Para além de toda a dor Teresa perde a sua mãe mas é aos pés de Nossa Senhora que pede para que, dali em diante se torne sua mãe.

«Quando comecei a perceber o que tinha perdido, fui-me, aflita, a uma imagem de Nossa Senhora e supliquei-Lhe, com muitas lágrimas, que fosse minha Mãe. Embora o fizesse com simplicidade, parece-me que me tem valido; porque conhecidamente tenho encontrado esta Virgem soberana, sempre que, me tenho encomendado a, Ela, e, enfim, tornou-me a Si» (V 1, 7).

No fundo podemos perceber que de um momento trágico e de uma experiência de sofrimento emerge agora uma companhia mística⁵.

Terminando esta primeira etapa da vida de Teresa de Ahumada y Cepeda é de referência o abraçar da vida religiosa. Assim aos 20 anos entra no Mosteiro da Encarnação, em Ávila, assumindo a partir desse momento o nome de Teresa de Jesus. Ainda que a sua nova vida não tivesse um início nada fácil, a derradeira decisão de Teresa de Jesus surge com a leitura que fazia das cartas de São Jerónimo, a quais a animaram e determinaram a que vestisse o hábito (Cf. V 3, 5-7).

⁵ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. I, 27.

Uma segunda etapa na qual podemos continuar a explicar a vida de Teresa de Ahumada y Cepeda, agora Teresa de Jesus, é a da sua vivência de 27 anos no mosteiro da Encarnação, em Ávila.

Teresa de Jesus toma o seu hábito aos 21 anos, após um ano de postulante, e professa aos 22 anos. São verdadeiramente momentos marcados por uma enorme alegria e fervor. Ainda que a sua nova família fosse bastante alargada e heterogênea, uma vez que o mosteiro teria cerca de 200 monjas e que nem todas seriam do mesmo status social, Teresa rapidamente se identificou com o carisma do grupo e com o estilo de vida.

Já no mosteiro da Encarnação Teresa de Jesus fica gravemente doente. Dizia Ela:

«A mudança de vida e de manjares fez-me dano à saúde e embora o contentamento fosse muito, não bastou. Começaram-se-me a aumentar os desmaios e deu-me um mal do coração tão imensamente grande que causava espanto a quem o via, e outros muitos males juntos, e, assim, passei o primeiro ano com muito má saúde, todavia parece-me não ofendi nele muito a Deus. E como o mal era tão grave que me privava quase sempre dos sentidos – e algumas vezes de todo me ficava sem eles - era grande a diligência que meu pai fazia para me buscar remédio. Como não lho dessem os médicos de aqui, procurou levar-me a um lugar (Becedas) que tinha muita fama de se curarem ali outras enfermidades e assim disseram fariam à minha. Foi comigo essa amiga de quem já falei e era antiga na casa. No convento onde eu era freira não se prometia clausura. Estive, quase um ano, por ali e padecendo durante três meses tão grandíssimos tormentos nas curas tão violentas que me, fizeram, que não sei como as pude sofrer» (V 4, 5-6).

De facto Teresa de Jesus ao longo da sua vida, sempre fora muito frágil fisicamente; no entanto, apesar do seu Corpo ser frágil, em contrapartida o seu Espírito era cada vez mais forte.

Apesar da sua frágil saúde Teresa de Jesus viveu anos de um autêntico florescimento humano e espiritual, sempre acompanhada de livros espirituais da sua época como o Terceiro Abecedário de Francisco de Osuna, que a inicia na prática da oração mental. Também é nesta

altura que Teresa de Jesus perde o seu Pai, D. Alonso, perde alguns dos seus irmãos em pleno campo de batalha, e acaba por receber no Convento da Encarnação sua irmã Joana⁶.

Numa terceira etapa podemos acompanhar a vida de Teresa de Jesus num período de plenitude humana e espiritual; período também em que se torna fundadora e escritora. Acompanhamos os últimos 20 anos da sua vida.

Marcada definitivamente por uma enorme profundidade e intensidade humana e espiritual, Teresa de Jesus com mais algumas monjas pretende abraçar um estilo de vida carmelita mais perfeito. Dizia Teresa de Jesus:

«Pensava o que poderia fazer por Deus e pensei que a primeira coisa era seguir o chamamento que Sua Majestade me fizera à Religião, guardando minha Regra com a maior perfeição que pudesse. Na casa onde estava, havia muitas servas de Deus e o Senhor era nela muito servido. Mas, por causa de ter grande necessidade o mosteiro, as monjas saíam muitas vezes a lugares onde, com toda a honestidade e religião, podiam estar. E também não estava fundada a Regra em seu primeiro rigor, senão que se guardava conforme ao que se fazia em toda a Ordem, que é com Bula de mitigação. Havia ainda outros inconvenientes, pois parecia-me a mim que tinha muito regalo por ser a casa grande e deleitosa» (V 32, 9).

Ora este ideal de uma vida mais perfeita era no fundo um retorno às origens da Regra primitiva da Ordem, vivendo em solidão, mortificação e oração, num pequeno grupo onde inicia uma nova forma de viver cristamente. É nesta nova forma de vida que Teresa de Jesus dá início à sua fase de fundadora e por consequente a uma nova Reforma na Ordem Carmelita.

Sabemos que a primeira fundação de Teresa de Jesus é o convento de São José em Ávila, convento que não teve uma aceitação pacífica.

⁶ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. I, 28.

«Ainda mal se tinha começado a saber no lugar, quando veio sobre nós a grande perseguição que não se pode descrever em poucas palavras. Foram ditos, risos, dizer-se que era disparate. A mim diziam que estava bem no meu mosteiro. À minha companheira, tanta foi a perseguição, que a traziam mortificada. Eu não sabia que fazer de mim e, em parte, parecia-me que tinham razão. (...) Foram tantos os ditos e o alvoroço do meu próprio mosteiro, que, ao Provincial, lhe pareceu difícil opor-se a todos e assim mudou de parecer e não quis admitir a fundação. Disse que a renda não era segura e que era pouca e muita a contradição. Em tudo parece que tinha razão. E, enfim, desinteressou-se e não o quis admitir. A nós já nos parecia que tínhamos recebido os primeiros golpes e deu-nos uma pena muito grande, em especial a mim por ver o Provincial contrário, porque, querendo-o ele, tinha eu desculpa para todos. À minha companheira já não a queriam absolver se o não deixasse, porque, diziam, estava obrigada a evitar o escândalo» (V 32, 14-15).

De facto a fundação do Mosteiro de São José foi o ponto de partida duma imensa aventura. Teresa de Jesus começa assim as suas viagens pelo mundo ampliando significativamente aquela que é a Ordem Carmelita. A lista das fundações teresianas é longa, mas vale a pena transcrevê-la: Malagón (1568), Valladolid (1568), Toledo (1569), Pastrana (1569), Salamanca (1570), Alba de Tormes (1571), Segóvia (1574), Beas de Segura (1575), Sevilha (1575), Villa Nueva de la Jara (1580), Palência (1581), Burgos (1582)⁷.

Finalmente nesta terceira etapa da sua vida, Teresa de Jesus cruza-se com frei João da Cruz, os quais simbioticamente desenvolvem um intenso pensamento e experiência espiritual.

Desta forma Teresa de Jesus e João da Cruz marcaram e marcam a Reforma tanto no ramo feminino como masculino⁸.

Concluindo assim este primeiro ponto mais biográfico acerca de Teresa de Jesus, afirmamos estar perante uma figura incontornável que marcou a sua época e continua a marcar gerações, pelo seu carácter sempre vivo e extrovertido mas também prudente; alguém que sempre se soube adaptar às diversas circunstâncias e relacionar com diversas pessoas.

⁷ A Cronologia relativamente às fundações de Santa Teresa de Jesus pode ser consultada na parte final deste trabalho, designadamente em Anexo I.

⁸ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. I, 29.

Por tudo isto depois da sua morte, Teresa de Jesus foi Beatificada pelo Papa Paulo V, a 24 de Abril de 1614; posteriormente Canonizada pelo Papa Gregório XV, a 12 de Março de 1622 e finalmente, já mais perto de nós foi a primeira mulher a ser proclamada Doutora da Igreja pelo Papa Paulo VI, a 27 de Setembro de 1970⁹.

Sem dúvida alguma «uma eternidade não seria suficiente para dar a Deus graças por ter enviado a este mundo Teresa de Jesus»¹⁰ que depois da Santíssima Virgem é a maior mulher da humanidade que teve o seu berço em Ávila, na Espanha¹¹.

⁹ Cf. BENTO XVI, “Santa Teresa de Ávila”, 171.

¹⁰ J. GIL DIEZ, *Vida e doutrina de Santa Teresa de Jesus*, Edições Carmelo, Paço de Arcos, 2000, 173.

¹¹ J. GIL DIEZ, *Vida e doutrina de Santa Teresa de Jesus*, 13.

2. ESPANHA DO SÉCULO XVI NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

Estabelecendo uma baliza espaço-temporal Teresa de Jesus é incontornavelmente uma filha da Espanha do século XVI. É sem dúvida uma época na qual a Espanha vive uma espécie de efervescência, sem no entanto esquecermos que também é um tempo marcado por enormes ambiguidades e desigualdades, nas quais Teresa de Jesus irá viver, sentir e sofrer por aquela que é a sua Espanha¹².

2.1. CONTEXTO HISTÓRICO

Quando se faz referência à Espanha do século XVI, normalmente o primeiro adjectivo é o de um 'século de ouro', mas sem dúvida também é um século de grandes e profundas reformas a todos os níveis e, sobretudo, no seio da Igreja. Ora, este movimento da reforma emerge ainda antes do Concílio de Trento é um movimento autóctone e não autónomo, que será encarnado de forma especial no seio das Ordens Religiosas¹³.

«Movimento imenso, pois, este que agitou, de uma forma benéfica todas as Ordens antigas, durante os tempos a seguir ao concílio e ainda meio século depois; movimento em que participaram também todas as Ordens femininas; movimento tão complexo que não é possível descrevê-lo em duas breves páginas. Mas em nenhuma parte ele tomou características tão impressionantes e tão sublimes como a antiga formação do Carmelo,

¹² Cf. A. BARRIENTOS (Dir.), *Introducción a la Lectura de Santa Teresa*, Editorial de Espiritualidad, Madrid, [s.d], 49-50.

¹³ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. I, 406-408.

onde surgiram então duas das personalidades mais ricas que produziu a Igreja: Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz»¹⁴.

É de referência que Castela durante muito tempo esteve aliada militarmente à França, tornando-se, sobretudo desde o século XV, uma grande potência europeia. Também desde a união matrimonial de Isabel, a Católica, e Fernando de Aragão, Castela uniu-se a Leão, o que despontou um novo auge para o país. Sem dúvida que Castela unida a Aragão criou a base que possibilitou à Espanha o título de grande potência¹⁵.

Isabel e Fernando, os Reis Católicos, estabeleceram uma estrita colaboração entre o poder Eclesiástico e o poder Civil. Esta estrita colaboração foi sem dúvida uma mais-valia para o processo de Reforma que já se começava a sentir na Espanha.

Exemplo disto mesmo é que:

«ya en el concilio nacional de Sevilla (1478), se llegó a un acuerdo entre los Reyes Católicos y los obispos bajo la presidencia del “gran cardenal”, Pedro González de Mendoza, sobre que la corona y el episcopado llevarían en común a cabo la reforma de la Iglesia española y cerrarían la puerta a eventuales intervenciones de fuera»¹⁶.

Concretamente existia uma total unidade entre a Igreja e o Estado, o que acabava por constituir uma das máximas mais perenes de toda a política Espanhola. Ora é nesta total unidade que então podemos entender o surgir da luta contra todos aqueles que não abraçavam a mesma fé, contra todos os apóstatas, os Judeus, os mouros e todos aqueles de raça estranha¹⁷.

¹⁴ D. ROPS, *A Igreja do Renascimento e da Reforma. Uma era de renovação: A Reforma Católica*, Vol. IV-2º, Livraria Tavares Martins, Porto, 1969, 150.

¹⁵ Cf. AAVV. *Nueva Historia de la Iglesia. Reforma y Contrarreforma*, Tomo III, Ediciones Cristiandad, Madrid, [1966], 17.

¹⁶ H. JEDIN, *Manual de Historia de la Iglesia. Reforma, Reforma Católica y Contrarreforma*, Tomo V, Editorial Herder, Barcelona, 1972, 608.

¹⁷ Cf. D. de PABLO MAROTO, *Historia de la Espiritualidad*, Vol.10, Madrid, [s.d.], 215.

A juntar a toda esta realidade que estamos a retratar é o facto de começarem a surgir os chamados ‘cristãos novos’, ou seja, Judeus convertidos. Este facto origina alguns perigos porque nem sempre estes ‘cristãos novos’ viviam esta nova condição, o que fazia vislumbrar-se da Espanha um território onde coabitavam várias nações que se odiavam mortalmente¹⁸.

A diversidade religiosa revelava-se um grave problema; muitos judeus eram mortos e não viam a sua fé respeitada. Para evitarem tais perseguições eram obrigados a converterem-se à fé cristã, porém, frequentemente, os conversos eram acusados de praticar a sua antiga crença em segredo e de cometerem os mais terríveis crimes. Justamente para vigiar a pureza da fé cristã e a sinceridade dos conversos, os Reis Católicos, em 1478, obtiveram junto do Papa Sixto IV o chamado Tribunal da Fé, a Inquisição.

Este novo instrumento que pretendia pôr fim a todo o movimento heterodoxo tornasse um meio que, estando nas mãos do monarca também foi utilizado para fins estatais e políticos. Deste modo a Coroa, procurava, julgava e condenava os hereges que, segundo a concepção do seu tempo, estariam a destabilizar toda a ordem.

Para além de procurar restabelecer toda a normalidade, também irá marcar presença ao controlar qualquer manifestação religiosa dos espirituais e dos místicos que ao longo deste período tiveram grandes problemas com a Inquisição, sendo até que alguns foram condenados assim como as suas obras. Teresa de Jesus também tem directamente divergências junto da Inquisição¹⁹.

Apesar de todo o domínio dos Reis Católicos sobre a Igreja, a vida eclesiástica foi crescendo e pelo reino espanhol foram surgindo também grandes Bispos, dotados de qualidades e de grande influência mesmo no seio de toda a corte. A título de exemplo podemos frisar o Arcebispo de Granada, Hernando de Talavera, assim como os Cardeais Pedro

¹⁸ Cf. AAVV. *Nueva Historia de la Iglesia. Reforma y Contrarreforma*, 16.

¹⁹ Cf. D. de PABLO MAROTO, *Historia de la Espiritualidad*, 217-218.

González de Mendonza e Jiménez de Cisneros; homens que foram trabalhando por reformas e que foram fortalecendo as suas Igrejas.

Um outro marco histórico importante da Espanha do século XVI é a figura de Carlos V, que quando chega ao trono encontra uma Espanha desenvolvidíssima o que lhe permite começar um reinado imperial. No entanto este novo reinado não vai em continuidade com o que fora anteriormente iniciado e consolidado pelos Reis Católicos.

Carlos V com a sua política de governação acaba por prejudicar em larga escala a Espanha, o que irá desencadear uma série de reacções. Neste clima de insurreição, têm um preponderante papel os religiosos das ordens mendicantes, entre eles, Franciscanos, Agostinianos, Dominicanos e Carmelitas. Estas ordens mendicantes nos seus sermões e pregações alimentavam o descontentamento e ajudavam a organizar a resistência, na medida em que ajudavam a população tomar consciência de que os interesses de Carlos V não coincidiam com os da nação espanhola²⁰.

Com a chegada de Carlos V, podemos observar o início de uma geração imperial, universalista em fase de conquistador. Relativamente à Igreja, esta que já tinha iniciado o seu processo de Reforma sofreu alguns golpes durante os primeiros anos do reinado de Carlos V por razões de desentendimentos políticos²¹.

No entanto estes mesmos desentendimentos vão abrir as portas para que penetrassem na Espanha as ideias defendidas por Erasmo, que pelo que sabemos, teve grande aceitação no seio da própria hierarquia, nomeadamente na pessoa do Cardeal López de Mendoza²², assim como os “alumbrados” que foi uma corrente mística heterodoxa, que surgiu na vida religiosa espanhola na primeira metade do século XVI.

²⁰ Cf. AAVV. *Nueva Historia de la Iglesia. Reforma y Contrarreforma*, 19-20.

²¹ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. I, 24.

²² Cf. H. JEDIN, *Manual de Historia de la Iglesia. Reforma, Reforma Católica y Contrarreforma*, 611.

Estes tendo-se desenvolvido entre alguns Franciscanos por meio de um processo de interiorização da vida espiritual, eram contrários à prática das orações tradicionais, dos Sacramentos e da hierarquia da Igreja; praticavam a entrega total a Deus pela união mística, pelo exercício da oração mental, que conduzia a um estado de perfeição religiosa²³.

2.2. CONTEXTO SOCIAL

Teresa de Jesus pertence a uma sociedade fortemente masculinizada e totalmente antifeminista. Castela, em pleno século XVI, considera a mulher como um mero ser inferior. Ainda assim Teresa de Jesus tornasse um forte pilar da sua sociedade pois foi uma das vozes que rompeu com o silêncio, e a sua obra consegue, partindo de testemunhos pessoais, alcançar uma desmedida abrangência social, à medida que retrata e enfrenta o poder Civil e Eclesiástico, defendendo uma vivência religiosa mais radicada na pobreza. Sem dúvida a mensagem de Teresa de Jesus para a época torna-se uma novidade²⁴.

Se quisermos subdividir toda a vivência histórica e social de Teresa de Jesus, podemos considerar que é claramente filha da primeira geração da Espanha do século XVI, uma Espanha Imperial, mas todo o seu contributo e espaço de actuação acontecem numa segunda geração, que será imensamente preenchida por polémicas já sentidas no reinado de Filipe II²⁵.

Neste contexto histórico-social que atravessava a Espanha no século XVI, Teresa de Jesus vai reunindo todos os motivos de reparo e consequentemente também reunirá todos os motivos de incessante suspeita, sobretudo por parte da Inquisição. Ora Teresa de Jesus sendo

²³ Cf. D. de PABLO MAROTO, *Historia de la Espiritualidad*, 215-216.

²⁴ Cf. S. Ros GARCÍA, “Santa Teresa. En su condición histórica de Mujer Espiritual”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 61-66.

²⁵ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. I, 25.

mulher, cristã nova, mística e sobretudo uma leitora acérrima, facilmente se torna indesejável e perseguida, sobretudo num tempo em que o analfabetismo era acentuado no sexo masculino mas era quase total no sexo feminino²⁶.

Ainda assim, ninguém pode negar que Teresa de Jesus fosse uma mulher comum, resignada e subjugada. Em momento algum se pode deixar de frisar a sua humildade e o seu surpreendente realismo²⁷; Teresa de Jesus sempre possuiu uma irresistível amabilidade e a sua piedade nunca foi dissimulada²⁸.

Tendo vindo a construir todo um cenário da Espanha do século XVI, podemos com maior facilidade perceber que toda a insistência e reivindicação de Teresa de Jesus é a de uma mulher espiritual que possui uma riquíssima experiência de oração, não meramente como uma contínua recitação mas como projecto pessoal e comunitário de vida²⁹.

Por outras palavras podemos afirmar que o mais característico desta Mulher Carmelita foi desde sempre a sua mística; mística que Teresa de Jesus quis sempre dar a conhecer à sociedade, à Igreja do seu tempo e à sua Ordem. Isto mesmo se pode comprovar nos seus próprios escritos onde Teresa de Jesus «es profundamente consciente de ser una “espiritual” y no una “letrada”»³⁰.

Teresa de Jesus apesar de viver e sofrer num ambiente polémico manteve sempre uma postura de firmeza até ao final da sua vida. Por exemplo podemos relatar através de uma das suas Cartas, ao Padre Paulo Hernández, um difícil período vivido no Outono de 1578:

²⁶ Cf. S. Ros GARCÍA, “Santa Teresa. En su condición histórica de Mujer Espiritual”, 68.

²⁷ Cf. S. Ros GARCÍA, “Santa Teresa. En su condición histórica de Mujer Espiritual”, 69.

²⁸ Cf. J. LORTZ, *Historia de la Iglesia. En la perspectiva de la Historia del pensamiento*, Vol. II, Ediciones Cristiandad, [Madrid], [1982], 249.

²⁹ Cf. S. Ros GARCÍA, “Santa Teresa. En su condición histórica de Mujer Espiritual”, 70.; Cf. J. LORTZ, *Historia de la Iglesia. En la perspectiva de la Historia del pensamiento*, 247.

³⁰ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. I, 423.

«Depois de Deus, o nosso bem ou mal está nas mãos do Núncio [Filipe Segá] e, pelos nossos pecados, foi informado de tal maneira pelos “del paño” e ele deu-lhes tal crédito, que não sei em que tudo irá parar. De mim, dizem-lhe que sou uma vagabunda e inquieta, e que os mosteiros que fundei foi sem licença do Papa e do Geral. Veja vossa mercê que maior perdição ou má cristandade podia ser» (Cta. 86, 3).

Um último aspecto que já fomos focando nesta contextualização histórica e social é a presença e actuação da Inquisição, obtida pelos Reis Católicos junto do Papa Sixto IV. Teresa de Jesus também não passou alheia a este Tribunal da Fé. De facto a influência benéfica ou perniciosa por parte da Inquisição na Espanha sempre ficou em aberto na discussão, no entanto, o certo é que «sacrificó la libertad de muchos escritores, hizo sufrir a muchos inocentes; pero al fin, los grandes místicos escribieron sus obras, comunicaron al mundo sus experiencias, y esos escritos se divulgaron, no obstante la Inquisición»³¹.

Claro que mesmo perante a Inquisição Teresa de Jesus assume uma atitude completamente desconcertante. A sua atitude é bastante marcada e clara e, em momento algum, se sente inibida ou retrocede no seu empenho de renovação e reforma da vida espiritual. Teresa de Jesus conscientemente sabe que anda de boca em boca. Diz-nos ela:

«Também começou aqui o demónio a procurar que, de boca em boca, se fosse espalhando e entendendo que eu havia tido alguma revelação neste negócio e vinham, pois, a mim com muito medo a dizer que andavam os tempos difíceis e podia ser que me levantassem alguma suspeita e fossem acusar-me aos inquisidores. A mim caiu-me isto em graça e me fez rir, porque, neste caso, jamais eu temi, que de mim sabia bem, que em coisa de fé ou contra a menor cerimónia da Igreja que alguém visse que eu ia, por ela ou por qualquer verdade da Sagrada Escritura, eu me ofereceria a morrer mil mortes. Disse, pois, que disto não temessem; muito mau seria para a minha alma se nela houvesse coisa que fosse de molde a eu temer a Inquisição. Se pensasse que havia de quê, eu mesma a iria buscar, mas, se fosse inventado, o Senhor me livraria e ficaria eu com lucro» (V 33, 5).

³¹ D. de PABLO MAROTO, *Historia de la Espiritualidad*, 218.

Um outro momento memorável entre Teresa de Jesus e o Tribunal da Fé relacionasse com o analfabetismo que já anteriormente foi focado. Constituindo a Inquisição um Índice de livros proibidos, retrata-nos Teresa de Jesus com uma pequena ironia que não era habitual o seu lamento:

«Quando se tiraram do público muitos livros em língua vulgar, para que se não lessem, eu senti-o muito, porque me recreava lendo alguns e já não o podia fazer por só os permitirem em latim. Disse-me o Senhor: Não tenhas pena, que Eu te darei livro vivo. Eu não podia entender a razão por que se me havia dito isto, porque ainda não tinha visões. Dali a bem poucos dias o compreendi muito bem porque, tenho tido tanto em que pensar e com que me recolher no que via presente, e o Senhor tem tido comigo tanto amor em me ensinar de muitas maneiras, que muito pouca, ou quase nenhuma necessidade tenho tido de livros. Sua Majestade tem sido o verdadeiro livro onde tenho visto as verdades. Bendito seja tal livro, que deixa impresso o que se há-de ler e fazer, de maneira que se não possa olvidar!» (V 26, 5).

Ora podemos certamente comprovar que apesar de toda a adversidade, Teresa de Jesus, mística espiritual, ao longo da sua vida sempre foi realizando um fecundo e profundo diálogo entre a espiritualidade e a teologia, entre aquela que foi sempre a sua experiência e que passava a doutrina. O seu grande objectivo podemos-lo entender numa perspectiva de vida cristã, vivida de acordo com a Verdade da Palavra da Divina Majestade.

Teresa de Jesus verdadeiramente tornasse filha bem-amada da Igreja. No seu tempo e contexto, na sua condição de mulher permaneceu sempre em conflito e suportou inúmeras acusações mas, após todo esse turbilhão, Teresa de Jesus deixa ao seu tempo e a todos os tempos que é possível, no mundo e com o mundo, seguir a perfeição evangélica³².

³² Cf. S. Ros GARCÍA, “Santa Teresa. En su condición histórica de Mujer Espiritual”, 80.

3. TERESA DE JESUS: EXPERIÊNCIA E TESTEMUNHO DE FÉ. O SEU CONTEXTO ECLESIAL

Já quase a finalizar este capítulo primeiro, ainda nos falta fazer uma abordagem eclesial. Teresa de Jesus, como temos vindo a observar, vive e actua num tempo de grandes transformações. Transformações que também ocorrem no seio mais profundo da Igreja e que Teresa de Jesus irá acompanhar. Relembremos que da parte da Igreja emergem as medidas do Concílio de Trento; começa um árduo caminho de Reforma e de procura duma vida mais sóbria e fiel.

De facto Teresa de Jesus ao longo do seu tempo é uma figura polifacetada e de uma eclesialidade inconfundível. Vive autenticamente um espírito de oração, específico da Ordem Carmelita; um espírito de pobreza, específico da Ordem Franciscana; um espírito de sabedoria e de verdade, específico da Ordem Dominicana. Erróneo seria então afirmar que Teresa de Jesus manifestasse um superficial sentido de pertença e de Igreja.

Teresa de Jesus vivendo toda uma vida de profundidade, vive uma intensa experiência interior que partilha em Igreja, com a Igreja e para a Igreja. Sem dúvida, podemos considerar que da sua experiência interior brota este sentido mais profundo de renovação espiritual, tornando-se desta forma Teresa de Jesus, pela sua mística, na mulher mais carismática da Igreja do seu tempo.

Mais do que reconhecer Teresa de Jesus como uma autêntica fundadora ou refundadora da Ordem Carmelita, temos que afirmar que é mãe e mestra de um carisma que

não é estreito nem limitado; é sim um carisma que tornando-se fecundo gera frutos ao longo de toda a história não somente da Espanha do século XVI, mas de todos os tempos³³.

«Un carisma capaz de renovarse y enriquecerse con el paso del tiempo, capaz de dar respuestas a distintas realidades temporales y geográficas. Un carisma que, regalado por Cristo a la Iglesia a través de las experiencias Espirituales y la palabra de Teresa de Jesús, se ha extendido y diversificado sin perder un átomo de su esencia. Santa Teresa es, efectivamente, Madre y Fundadora. Fundadora de un carisma nuevo y necesario. Nuevo por íntimamente vinculado al Evangelio de Jesús. Necesario porque, en la noche de la Historia, siempre el Espíritu ha aleteado sobre las aguas, sobre el fragor del sufrimiento de los hombres y mujeres de este mundo para hacer brotar, de la mano de los fundadores, carismas que mantengan vivo el fuego de ese mismo Evangelio»³⁴.

É evidente que todo este trajecto Teresiano foi e continuará a ser fonte de imensuráveis bens não só para a própria Igreja como para o Mundo. Fonte de imensuráveis bens por ser fundado no amor a Deus e no amor aos outros, levando a uma maior identificação, solidariedade e dor. Teresa de Jesus muitíssimo bem o escreve:

«Olhai que isto importa muito mais do que eu vos saberei encarecer. Ponde os olhos no Crucificado e tudo se vos fará pouco. Se Sua Majestade nos mostrou o Seu amor com tão espantosas obras e tormentos, como quereis contentá-l'O só com palavras? Sabeis o que é ser espiritual deveras? É fazer-se escravos de Deus, para que, marcados com o Seu ferrete que é a cruz, pois já Lhe deram a sua liberdade, os possa vender por escravos de todo o mundo, como Ele o foi; e não lhes faz nenhum agravo nem pequena mercê. E se a isto se não determinam, não haja medo que aproveitem muito, porque de todo este edifício - como já disse - é seu fundamento a humildade; e se não há esta muito deveras, até para vosso bem não quererá o Senhor subi-lo muito alto, para não dar com tudo em terra. Assim, irmãs, para que leve bons alicerces, procurai ser a menor de todas e sua escrava, vendo como ou em quê as podeis servir e dar-lhes prazer; pois, o que fizerdes neste caso, o fazeis mais para vós do que para elas, pondo pedras tão firmes, que não vos caia o castelo» (7M 4,8).

³³ Cf. E. J. MARTÍNEZ, “Teresa de Jesus fundadora. Ayer, hoy y mañana de un proyecto necesario”, *Revista de Espiritualidad* 71 (2012), 403.

³⁴ Cf. E. J. MARTÍNEZ, “Teresa de Jesus fundadora. Ayer, hoy y mañana de un proyecto necesario”, 403-404.

Tendo consciência de que impulsionada por inspiração divina e dotada de um carisma tão especial, o qual experiencia e testemunha ao longo da sua missão na Igreja, Teresa de Jesus chama a atenção para que se viva uma vida significativa, ou seja, capaz de ser sinal de amor; uma vida que não está, nem esteja encerrada em si mesma mas que, como o Evangelho, pode ser vivida por todos, em todos e nos diversos caminhos:

«Não pretendo nem penso que o que vou dizer é tão acertado, que ser tido por regra infalível seria desatino, tratando-se de coisa tão dificultosa. Como há muitos caminhos neste caminho do espírito, poderá ser que acerte a dizer alguma coisa sobre algum deles. Se almas houver que não me entendam, é porque caminham por outra via. E se não aproveitar a ninguém, o Senhor aceitará a minha boa vontade. Ele sabe que, embora em mim não tenha experimentado tudo, em outras almas o tenho visto» (F 5, 1).

3.1. EXPERIÊNCIA E TESTEMUNHO DE FÉ. O CONTRIBUTO DA SANTO AGOSTINHO E DA SAGRADA ESCRITURA

Observamos que Teresa de Jesus, em momento algum, comunica ou narra uma teoria da sua vida. Em tudo Teresa testemunha a sua própria experiência.

«Em tudo é preciso experiência e mestre porque, chegada a alma a estes termos, oferecer-se-ão muitas coisas em que é mister ter com quem o tratar. E, se buscando mestre não o achar, o Senhor não lhe faltará, pois não me faltou a mim sendo eu a que sou. Porque creio haver poucos que tenham chegado a ter experiência de tantas coisas; e se não a têm, debalde dão remédio à alma sem a inquietar e afligir» (V 40, 8).

Podemos entender as suas palavras advogando que tudo o que acontece na sua vida é necessariamente resultado da sua experiência, que resulta do seu diálogo íntimo com o Senhor e na escuta da Sua Palavra. «Desta maneira tudo se torna claro e transparente. Por isso Teresa exige do seu interlocutor a experiência para ser compreendida»³⁵.

Teresa de Jesus não é de fácil compreensão! Tomar esta premissa como falsa seria hipocrisia porque a própria tem essa consciência e assume-o.

«Não direi coisa que não tenha experimentado muito. E assim é que, quando comecei a escrever desta última água, mais impossível me parecia saber tratar alguma coisa dela do que falar em grego, pois tão dificultoso é. Com isto, deixei tudo e fui comungar. Bendito seja o Senhor que assim favorece os ignorantes! Oh! virtude da obediência que tudo podes! Esclareceu-me Deus o entendimento, umas vezes com palavras e outras pondo-me diante como o havia de dizer, pois, tal como fez na oração passada, parece que Sua Majestade quer dizer o que eu não posso nem sei» (V 18, 8).

Esforçando-se sente inúmeras dificuldades em transmitir a sua experiência, o que também a leva na sua humildade a pedir desculpa aos seus leitores.

³⁵ J. FERNANDES dos REIS, “Santa Teresa de Jesus mais próxima”, *Revista de Espiritualidade* 32 (2000), 292.

«Estou-me desfazendo, irmãs, para vos dar a entender esta operação de amor, e não sei como o fazer. Porque parece coisa contraditória dar o Amado claramente a entender que está com a alma e, ao mesmo tempo, parecer que a chama com um sinal tão certo, que não se pode duvidar, e com um silvo tão penetrante para a alma o entender, que não pode deixar de o ouvir (...)» (6M 2, 3).

«São tão obscuras de entender estas coisas interiores que, a quem tão pouco sabe como eu, forçoso é dizer muitas coisas supérfluas e até desatinadas, para que haja alguma em que acerte. É necessário terem paciência quando isto lerem, pois eu a tenho para escrever o que não sei; e certo é algumas vezes tomar o papel, como uma pessoa tonta, sem saber que dizer nem mesmo começar» (1M 2, 7).

Em Teresa de Jesus a experiência e o testemunho da Fé, tornam-se fundamentalmente num progressivo educar da pessoa humana na sua relação íntima com Deus, provocando na pessoa uma adesão verdadeira à Fé através da experiência. Ou seja, a pretensão teresiana é que se dê esta passagem da crença à fé, de uma fé herdada a uma fé pessoal, sendo indispensável a experiência pessoal³⁶.

Entendemos assim que para Teresa de Jesus a Fé requer a experiência porque ela mesma é experiência, a mais radical e a qual alimenta as demais. Se quisermos, «el concepto de experiencia es indispensable si se concibe la fe como el encuentro de todo el hombre con Dios»³⁷.

Como todos os místicos, Teresa de Jesus fala da e por experiência, imprimindo nela um carácter dinâmico que se vai convertendo em verdadeiro motor da vida. Esta é a sua convicção: sem experiência não se pode falar de um conhecimento verdadeiro, pois a experiência é a chave de toda a compreensão. «Em tudo é grande coisa a experiência, pois dá a entender o que nos convém e em tudo se se serve a Deus. Suave é Seu jugo e é grande negócio não levar a alma arrastada, como se diz, mas com suavidade, para seu maior aproveitamento» (V 11, 16).

³⁶ Cf. S. Ros GARCÍA, “Experiencia y transmisión de la fe con Teresa de Jesús”, *Revista de Espiritualidad* 61 (2002), 233.

³⁷ S. Ros GARCÍA, “Experiencia y transmisión de la fe con Teresa de Jesús”, 234.

Tudo isto que temos vindo a reflectir tornasse possível porque também Teresa de Jesus viveu na sua vida uma conversão.

«Tal fue la conversión de santa Teresa. Consistía en una determinación interior hecha ante la imagen de un Cristo muy llagado y confirmada por las Confesiones de san Agustín. Por las circunstancias que la rodean y por hechos que luego seguirán, calculamos que la fecha de este acontecimiento fue la cuaresma de 1554, a sus treinta y nueve años de edad»³⁸.

Não poderíamos deixar de elencar este aspecto tão importante na vida espiritual de Teresa de Jesus. Na altura em que toma contacto com a obra de Santo Agostinho, Teresa de Jesus vive uma profunda e angustiante crise espiritual³⁹.

«Quando comecei a ler as “Confissões”, parecia-me ver-me eu ali. (...). Quando cheguei à sua conversão e li como ouviu aquela voz no jardim, não me parecia senão que o Senhor me falava a mim; de tal modo o senti o meu coração. Estive um grande bocado que toda me desfazia em lágrimas, e dentro de mim mesma com grande aflição e fadiga. Oh! o que sofre uma alma, valha-me Deus, por perder a liberdade que havia de ter de ser senhora, e que tormentos padece! Eu me admiro agora como podia viver em tanto tormento. Seja Deus louvado, que me deu vida para sair de morte tão mortal!» (V 9, 8).

O texto de Santo Agostinho⁴⁰ pela sua extensão e densidade permite-nos compreender o tremendo impacto que teve em Teresa de Jesus. Este mesmo impacto levou Teresa de Jesus a concluir que por si mesma nada seria capaz de fazer; que nada por si mesma vale algum esforço⁴¹. É na confiança que coloca em Deus que Teresa de Jesus é capaz de, abnegando-se a si mesma, encontrar a porta de saída para a sua crise espiritual, dando assim caminho a uma outra porta: a da experiência mística.

³⁸ S. Ros GARCÍA, “La conversión de santa Teresa. Lectura de una experiencia fundante (450 años)”, *Revista de Espiritualidad* 63 (2004), 371.

³⁹ Cf. S. Ros GARCÍA, “La conversión de santa Teresa. Lectura de una experiencia fundante (450 años)”, 373.

⁴⁰ Pela sua extensão não se introduziu o texto no corpo do presente trabalho mas poderá ser consultado no final do mesmo, designadamente em Anexo II.

⁴¹ Cf. S. Ros GARCÍA, “La conversión de santa Teresa. Lectura de una experiencia fundante (450 años)”, 378.

No entanto, para além do livro das Confissões de Santo Agostinho também exerceu sempre grande influência na vida de Teresa de Jesus a Sagrada Escritura.

«S. Teresa nasce, cresce e vive neste ambiente de fervor bíblico, que foi refreado ou abrandado pelo zelo da Inquisição local. O facto de protestantes se terem separado da Igreja levando consigo só a Bíblia fez perder pouco a pouco o contacto com essa fonte de iluminação da vida»⁴².

É de considerar que pelo ambiente em que viveu nunca tivesse tomado contacto com a Sagrada Escritura mas é surpreendente o lugar central que a mesma ocupa em toda a sua vida. «As cerca de 870 vezes que Teresa a cita manifestam que leu e conheceu a maior parte da Bíblia através de citações dos textos sagrados em livros de espiritualidade ou de grandes antologias dos mesmos»⁴³.

Esta marca que a Sagrada Escritura tem em toda a vida de Teresa de Jesus é como que um tesouro para a Igreja do nosso tempo. A sua espiritualidade é profundamente marcada pela Sagrada Escritura. Nela, Teresa de Jesus procurava o sentido mais radical para a sua própria vida pessoal; podemos afirmar que Teresa de Jesus fazia uma hermenêutica vivencial, sempre em chave de interioridade e de humanidade⁴⁴.

Mesmo sem uma formação bíblica, ou em qualquer outra área, Teresa de Jesus pela intuição interpretava e descobria o que lhe dizia a Palavra de Deus. O seu principal critério de compreensibilidade era o do seu sentido em Cristo.

«Há pouco mais ou menos de dois anos que me parece que o Senhor me dá a entender, para meu propósito, algo do sentido de algumas palavras; e parece-me que será para consolação das irmãs que o Senhor leva por este caminho, e até para a minha, pois às vezes o Senhor dá tanto a entender, que eu desejava que não se me olvidasse, mas não ousava pôr coisa alguma por escrito» (Conc. prólogo, 2).

⁴² A. dos SANTOS VAZ, “Santa Teresa de Ávila: a ‘Vida’ e a Bíblia”, *Revista de Espiritualidade* 75 (2011), 180.

⁴³ A. dos SANTOS VAZ, “Santa Teresa de Ávila: a ‘Vida’ e a Bíblia”, 181.

⁴⁴ Cf. A. dos SANTOS VAZ, “Santa Teresa de Ávila: a ‘Vida’ e a Bíblia”, 182.

Uma das ideias que fica perceptível é a grande capacidade que Teresa de Jesus teve em amar. Tomando sempre a Palavra de Deus como revelação que constantemente actualizava e aplicava a si mesma, encontra na pessoa e no Evangelho de Jesus não só a Verdade de Deus mas também a Verdade de si própria.

«Nos seus escritos, a santa Madre fala de si, da sua experiência. Mas, simultaneamente, fala de Deus, da acção de Deus nela. Para quem a lê hoje, isso é que vale. Ela fala de Deus como de uma pessoa conhecida. Ao lê-la, fica a impressão de que teve um encontro com ele antes de se pôr a escrever. Realmente, encontrou-se com Ele nas suas experiências místicas, na oração, na meditação, na vida. Mas também nas Sagradas Escrituras»⁴⁵.

⁴⁵ A. dos SANTOS VAZ, “Santa Teresa de Ávila: a ‘Vida’ e a Bíblia”, 186.

CAPÍTULO II

«Oh! Senhor, que diferentes são os Vossos caminhos das nossas grosseiras imaginações! E como, de uma alma já determinada a amar-Vos e abandonada nas Vossas mãos, não quereis outra coisa senão que obedeça e se informe bem do que é mais serviço Vosso e isso deseje! Não precisa de procurar os caminhos nem de escolhê-los, pois já a sua vontade é Vossa. Vós, Senhor meu, tomais esse cuidado de guiá-la por onde mais lhe aproveite» (F 5, 6).

SANTA TERESA DE JEUS: PRESENÇA ACTUAL NA VIDA DA IGREJA E DO MUNDO

Este capítulo segundo tem como linha condutora uma perspectiva e uma reflexão mais pastoral. Este objectivo que agora se pretende esmiuçar devesse à “determinada determinação” que Santa Teresa de Jesus sempre manifestou ao longo da sua vida, e continua a manifestar no testemunho a todos os cristãos e à própria Igreja, uma vez que pela Igreja foi confirmada como Doutora da Igreja⁴⁶.

1. A DESCOBERTA DE DEUS NA “DETERMINADA DETERMINAÇÃO” TERESIANA

Na consciência de Teresa de Jesus, Deus não é um mero objecto nem é tomado como um termo coisificado, humanamente falando. Para ela, Deus é Mistério e somente assim é que se manifesta, «como lo absolutamente oculto, como Presencia invisible, bajo la forma de la ausencia»⁴⁷.

Esta presença ausente de Deus na vida e na experiência de Teresa de Jesus é bem retratada no seu poema místico,

⁴⁶ Santa Teresa de Jesus foi proclamada Doutora da Igreja pelo Papa Paulo VI, em 27 de Setembro de 1970. (Cf. PAULI PP. VI, *Homilia In Basilica Vaticana habita postquam Summus Pontifex Sanctam Theresiam de Avila, Virginem, Ecclesiae universalis Doctorem declaravit*, in AAS 62 (septembris 1970) 590-596).

⁴⁷ S. Ros GARCÍA, “La presencia ausente de Dios en Teresa de Jesús”, *Revista de Espiritualidad* 71 (2012), 31.

«Oh! Formosura que excedeis
A todas as formosuras!
Sem magoar, dor fazeis,
Com sem dor desfazeis
O amor das criaturas.

Oh! Laço, que assim juntais
Duas coisas sem igual!
Não sei porque desatais
Pois atado força dais
A ter por bem o que é mal.

Vós juntais quem não tem ser
Com o Ser que não acaba.
Sem acabar, acabais,
Sem ter que amar, Vós amais
E engrandeceis nosso nada» (Po 3).

“Oh! Formosura que excedeis” é um poema que evoca as reminiscências de um encontro intensamente vivido. É, sem dúvida, um poema que no geral todos os teresianistas consideram como o primeiro grande poema de Santa Teresa de Jesus,

«el más íntimo de sus experiencias místicas, fue compuesto en 1560, y es también el más seguro de su poemario, de autenticidad indiscutible, ya que ella misma lo transcribió después – diecisiete años más tarde – en carta a su hermano don Lorenzo de Cepeda»⁴⁸.

É de facto nesta nomenclatura que então podemos afirmar que para Teresa de Jesus Deus é tudo; «Ele é o único protagonista nos escritos de Teresa. Ela fala guiada pela penetração no mistério de Cristo»⁴⁹. Teresa de Jesus é claramente introduzida no mistério de Cristo e o Cristo de Teresa é o Ressuscitado,

«que é ao mesmo tempo o homem Jesus, o nazareno glorificado pelo pai, o Rei que partilhou toda a pobreza da condição humana, o Senhor-Irmão, a Palavra feita carne, a Presença-Pão de vida, o amor salvador, o Esposo da humanidade sofredora, o mediador amigo do homem...»⁵⁰.

⁴⁸ S. Ros GARCÍA, “La presencia ausente de Dios en Teresa de Jesús”, 12.

⁴⁹ M. ALVES, “Quem é Cristo para Teresa de Ávila”, *Revista de Espiritualidade* 48 (2004), 285.

⁵⁰ M. ALVES, “Quem é Cristo para Teresa de Ávila”, 286.

Este Deus feito homem em Jesus Cristo torna-se, para Teresa de Jesus, o fundamento das mais profundas graças místicas. Jesus aparece-nos como o Mestre interior de quem Teresa se torna boa discípula. Jesus Cristo torna-se assim no centro da vida de Teresa e é «o fulcro da sua oração, o companheiro da sua vida»⁵¹.

Toda esta descoberta e intensa relação entre Teresa de Jesus e Deus feito homem em Jesus Cristo, torna-se plausível por uma característica bem presente em todo o seu itinerário de vida - a sua “determinada determinação”⁵².

«Agora, voltando aos que querem ir por ele sem parar até ao fim, que é chegar a beber desta água de vida, como devem começar, digo que importa muito, e tudo, ter uma grande e muito determinada determinação de não parar até chegar a ela, venha o que vier, suceda o que suceder, trabalhe-se o que se trabalhar, murmure quem murmurar, quer lá se chegue, quer se morra no caminho, ou não se tenha ânimo para os trabalhos que nele há, quer se afunde o mundo (...)» (CP 21, 2).

Antes de mais tentemos perceber melhor o que pretende significar esta expressão teresiana. Devemos ter bem presente no intelecto o dever de partir sempre da nossa autoconsciência, afim de, sabermos donde queremos partir concretamente e onde queremos chegar. Autoconsciência que nos permite entender e nos possibilita uma decisão consciente; autoconsciência que nos permite uma determinada determinação.

Começando por uma análise mais segmentada da própria expressão, podemos analisar que: «Determinada/o; es lo preciso, lo concreto, lo exacto, lo específico, como antónimos de impreciso, ambíguo e indeterminado, y de lo que no está bien definido o delimitado»⁵³; e que quando estivermos a falar de, «determinación: estaríamos hablando de un acto de decisión

⁵¹ M. ALVES, “Quem é Cristo para Teresa de Ávila”, 289.

⁵² «La determinación “teresiana” es una decisión dinámica, “lanzada”, generosa, sin vacilaciones. Como un quemar las naves o un salto en paracaídas sin poder volver atrás. “Una gran determinación de que antes perderá la vida y el descanso y todo lo que le ofrece que tornar a la pieza primera”; “un ser varón y no de los echaban a beber de buzos [bruces] cuando iban a la batalla” (M 2, 1, 6)» (F. MALAX, “Determinación”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), *Diccionario de Santa Teresa de Jesús, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 505*).

⁵³ M^a. PILAR HUERTA ROMÁN, CD, «La ‘determinada determinación teresiana’», *Revista de Espiritualidad* 70 (2011), 84.

com todo lo que esto implica de libertad, responsabilidad y elección. Estaríamos hablando también de valor, de osadía y atrevimiento»⁵⁴.

Transpondo esta análise para a sua pessoa depreendemos, logo à partida, que Teresa de Jesus quando usa esta expressão o faz em referência à pessoa a quem se entrega em oração. Irrevogavelmente para ela não pode existir uma vida cristã sem oração.

Ela fala-nos da sua experiência pessoal e, por isso mesmo, chama a atenção para quem inicia um caminho de oração de encontro e de enamoramento com Deus, devendo fazer-se acompanhar de uma determinação que, antes de se tornar em determinação de uma vida de oração, deve ser uma determinação que determine a própria vida⁵⁵.

«A quem ainda não a começou, por amor do Senhor lhe rogo, não careça de tanto bem. Não há aqui que temer senão que desejar. Mesmo quando não for avante mas se esforçar a ser perfeito que mereça os gostos e regalos que Deus dá a estes, pouco a pouco irá entendendo o caminho para o Céu; e se persevera, espero eu na misericórdia de Deus, pois ninguém O tomou por amigo que não lho pagasse. E outra coisa não é, a meu parecer, oração mental, senão tratar de amizade - estando muitas vezes tratando a sós - com quem sabemos que nos ama. E se ainda O não amais (...), não podeis por vós mesmas chegar a amá-Lo, porque não é da vossa condição; mas, vendo o muito que vos vai em ter a Sua amizade e o muito que vos ama, passais por esta pena de estar muito com Quem é tão diferente de vós» (V 8, 5).

Teresa de Jesus quer transmitir-nos que a nossa determinação na descoberta de Deus na nossa vida deve ser uma autêntica resposta ao chamamento que Deus nos faz. Ela ensina-nos que a única determinação possível é a gratuidade absoluta, correspondente a um Amor que mesmo sem o merecermos nos é dirigido porque o Senhor nos ama e é fiel ao juramento que fez a nossos pais (Cf. Dt 7, 8).

⁵⁴ M^a. PILAR HUERTA ROMÁN, CD, «La ‘determinada determinación teresiana’», 84.

⁵⁵ Cf. M^a. PILAR HUERTA ROMÁN, CD, «La ‘determinada determinación teresiana’», 87.

Teresa de Jesus deixou-se seduzir e enamorar por Deus. No seu caminho chegou plenamente «a beber de la fuente de agua viva que no es otra cosa que Jesús mismo»⁵⁶. Ao longo do caminho teve sempre um acrescido esforço de vontade e nunca desistiu perante os vários obstáculos. Teresa de Jesus percebeu perfeitamente que a sua “determinada determinação” consistiu exclusivamente no deixar-se seduzir colocando constantemente os seus olhos em Deus que desde sempre e em primeiro a olha.

Somente quem vive uma experiência tão profunda e íntima é capaz de reconhecer que tal experiência só é possível no confiar-se inteiramente e incondicionalmente ao Senhor. Teresa de Jesus fez essa experiência e por isso o afirma dizendo:

«Seja Deus bendito para sempre que, num momento, me deu a liberdade que eu, com todas as diligências quantas tinha feito em muitos anos, não tinha podido alcançar por mim; ainda que fazendo muitas vezes tão grande esforço, que me prejudicava à saúde. Como foi feito por Quem é poderoso e Senhor verdadeiro de tudo, nenhuma pena me causou» (V 24, 8).

Indubitavelmente Teresa de Jesus sentia que a sua determinada determinação em ir descobrindo Deus na sua vida só aconteceria num profundo e fecundo Amor isto porque «determinarse determinadamente es sólo cuestión de Amor»⁵⁷ e Teresa também o soube transcrever na sua poesia:

*«De todo já me entreguei
E de tal sorte hei mudado,
Meu amado é para mim,
Eu sou para o meu Amado.*

⁵⁶ M^a. PILAR HUERTA ROMÁN, CD, «La ‘determinada determinación teresiana’», 90.

⁵⁷ M^a. PILAR HUERTA ROMÁN, CD, «La ‘determinada determinación teresiana’», 99.

Quando o doce Caçador	Feriu-me com uma seta
Me atirou e deixou ferida,	Arvorada em amor,
Nos braços do meu amor	E minha alma ficou feita
Minha alma ficou caída;	Uma com o seu Criador.
E tomando nova vida,	Já eu não quero outro amor,
De tal sorte hei mudado,	Pois ao meu Deus fui outorgado:
<i>Meu amado é para mim</i>	<i>Meu amado é para mim</i>
<i>E eu sou para meu Amado.</i>	<i>E eu sou para o meu Amado» (Po 5).</i>

2. A VIVÊNCIA EVANGELIZADORA DE TERESA DE JESUS

Recentes estudos e até mesmo temas da actualidade encontram em Teresa de Jesus e na sua experiência mística um riquíssimo contributo para a teologia da nossa pastoral, advogando ser,

«un testigo cualificado de la experiencia de la fe y un excelente transmisor de la misma, fenómeno que hoy parece preocupar muy seriamente en el seno de la Iglesia y que “junto con la evangelización, de la que la transmisión de la forma parte o con la que está estrechamente vinculada, aparece como el objetivo pastoral prioritario de la mayor parte de las iglesias particulares y de sus comunidades”»⁵⁸.

Como se tem vindo a reflectir, Teresa de Jesus, na transmissão que nos faz da sua fé em Jesus Cristo, pretende ajudar cada pessoa a fazer a sua própria descoberta, o seu próprio processo de enamoramento na experiência de Deus. Concretamente nos ensina que a Fé e a experiência nunca são realidades distintas nem sequer díspares.

O que acontece e o que vai perpassando, ao longo dos tempos, é que se cai no erro de fazer e estabelecer designações de fé que não correspondem à verdade; facilmente se

⁵⁸ S. Ros GARCÍA, “Experiencia y transmisión de la fe con Teresa de Jesús”, *Revista de Espiritualidad* 61 (2002), 231.

confunde fé com crença. Somos meros recptores de verdades. Verdades que aceitamo-las porque uma autoridade/hierarquia no-las transmitem⁵⁹.

Santa Teresa de Jesus tem consciência que «el concepto de experiencia es indispensable si se concibe la fe como el encuentro de todo el hombre com Dios»⁶⁰. Só assim é que Teresa de Jesus nos seus escritos pode exclaimar:

«Oh! Valha-me Deus! Quão diferente coisa é ouvir estas palavras e crer nelas, ou entender por este modo quão verdadeiras são! E cada día se espanta mais esta alma, porque lhe parece que nunca mais se apartam dela, antes vê notoriamente, da maneira que fica dita, que estão no interior de sua alma, e no mais interior, em uma coisa muito profunda, que não sabe dizer como é, porque não tem letras, sente em si esta divina companhia» (7M 1, 7).

Claramente mais uma vez se acentua que em Teresa de Jesus tudo parte da sua experiência; Ela não nos transmite uma mística teórica ou teorizante mas uma mística experiencial. A sua convicção é que sem esta dinâmica, a experiência nunca expressará um verdadeiro conhecimento, nem um verdadeiro itinerário de fé.

2.1. SENTIR COM A IGREJA E EM IGREJA

Teresa de Jesus é uma mulher da Igreja! Como já pudemos constatar no capítulo anterior, faz parte de uma Igreja concreta. «Dentro de la Iglesia “sacramento de salvación”, fue sensible a su misterio. Hacia afuera, sensible al drama de los hechos. Con sentido femenino y filial, de cara a la Iglesia institución: ella, hija; la Iglesia, madre»⁶¹.

⁵⁹ Cf. S. Ros GARCÍA, “Experiencia y transmisión de la fe con Teresa de Jesús”, 232-233.

⁶⁰ H. URS von BALTHASAR, *Gloria. Una estética teológica*, Vol. I, Madrid, 1985, 201.

⁶¹ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos: Doctrina Espiritual*, Vol. III, Editorial Monte Carmelo, Burgos, [s.d], 189.

Todo o seu itinerário é compendiado numa mística eclesial que se «condensa en una experiencia filial, “vivir y morir hija de la Iglesia”»⁶². De espírito aberto, Teresa de Jesus, viveu este seu sentir com a Igreja e em Igreja sem segundas intenções, na certeza de que pelo Baptismo entra pela porta que lhe dá acesso a esta inserção como filha.

«Percorrendo longa caminhada, à luz do dom da graça, isto é, o verdadeiro “caminho da perfeição”, exercitando-se com a oração para o ministério do amor, encontrou-se preparada e penetrou mais e mais no “Castelo da alma”, experimentando o conhecimento da caridade pela qual quanto mais estreitamente alguém se une a Deus, tanto mais é impellido com maior veemência a sentir com a Igreja e a ela se dedicar»⁶³.

Apesar desta consciência bem convicta, Teresa de Jesus, sabe que não é fácil nem acontece repentinamente este sentir com a Igreja e em Igreja.

«En Santa Teresa, la orientación expresa y consciente hacia la Iglesia fue tardía. No fue punto de partida de su itinerario espiritual ni en la hora de la vocación religiosa ni en el día de la conversión, seguida del definitivo ingreso en la vida mística; sino más bien punto de arribo: fruto de su madurez espiritual y de la especial sensibilidad sobrenatural suscitada en ella por las gracias místicas. Resultado de la experiencia interior, mucho más que de la reflexión»⁶⁴.

Para Teresa de Jesus a Igreja é santa, independentemente de todos os males que a possam afectar. Na sua perspectiva a Igreja é santa no seu ser, na sua missão, no seu peregrinar, mas sobretudo a Igreja é santa «porque tiene la presencia de su esposo Cristo»⁶⁵. Sem negar a existência de tantos males na vida da Igreja não perde tempo em generalidades e toma uma linha de completo serviço, a mesma que posteriormente transmite às suas monjas: «lo que ella pone al servicio de la Iglesia es la fuerza de la contemplación. Su pensamiento contiene un regreso a los valores interiores, sobre la base de una firme convicción de la

⁶² T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, 211.

⁶³ L'OSSERVATORE ROMANO, “Carta do Santo Padre na abertura do Ano Teresiano”, Edição Portuguesa, 1 de Novembro de 1981, 1.

⁶⁴ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, 260.

⁶⁵ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, 423.

comuni3n de bienes en la Iglesia: ser intensamente contemplativos, intensamente orantes e intensamente santos, para ser de m3s ayuda a la Iglesia»⁶⁶.

Este sentir com a Igreja e em Igreja 3 um aut3ntico caminho, e nele, o pr3prio Jesus e Teresa de Jesus s3o os caminhantes que se encontram na ora33o e na determina33o das suas vidas⁶⁷. 3 um caminho que, apesar das controv3rsias, se torna em servi3o e amor 3 Igreja, n3o numa perspectiva de interiorismo mas como abertura, como um despertar de sensibilidades para as tribula33es da Igreja e, simultaneamente, do mundo⁶⁸.

O caminho 3 ent3o o s3mbolo que vai exemplificando todo o seu crescimento espiritual. Por isso mesmo para o crist3o, o caminho n3o deve ser meramente uma metodologia mas uma pessoa – Jesus Cristo. Jesus Cristo, em todos os tempos e em todos os lugares, continuar3 a caminhar e a chamar para o seu caminho porque «o mesmo Senhor nos disse que 3 o caminho e tamb3m disse o Senhor que 3 a luz, e que ningu3m pode ir ao Pai sen3o por Ele; e “quem Me v3 a Mim, v3 a Meu Pai”» (6M 7, 6).

Neste seu sentir com a Igreja e em Igreja, Teresa de Jesus ajuda-nos a perceber que o caminho 3 um aut3ntico caminhar para Deus na f3, no amor e na perfei33o. Nos seus ensinamentos convida-nos a fazer um caminho conjunto. No entanto tamb3m nos lembra que o caminho tem necessidade de esfor3o e de perseveran3a, ou, se quisermos necessita de uma “determinada determina33o” do caminhante. Isto porque:

«o verdadeiro caminhante, porquanto vai deixando atr3s tudo o que encontra e o rodeia, vive num permanente desapego, numa provisionalidade que implica uma desrealiza33o ou, se preferirmos, uma relativiza33o do real imediato. Todas as coisas e realidades mais tang3veis que vai descobrindo, acolhendo, vai-as abandonando e despedindo. (...)»⁶⁹.

⁶⁶ T. 3LVAREZ, *Estudos Teresianos*, Vol. III, 277.

⁶⁷ Cf. M. FERNANDES dos REIS, “Santa Teresa de Jesus e a «arte de viver» - II”, *Revista de Espiritualidade* 84 (2013), 271.

⁶⁸ Cf. C. MARIA MARTINI, “*S3lo Dios Basta*”. *Reflex3es sobre a Ora33o*, Gr3fica de Coimbra, 1996, 102-103.

⁶⁹ M. FERNANDES dos REIS, “Santa Teresa de Jesus e a «arte de viver» - II”, 289.

Teresa de Jesus caminhou pela oração em direcção a Deus. Este foi um caminho lento, doloroso mas progressivo; não foi um caminho de ascensão mas um caminho de interiorização. No seu percurso foi consolidando a certeza de ser filha da Igreja e discípula de Jesus Cristo. É um caminho que se torna possível porque respondeu radicalmente ao chamamento de Deus e, sem reservas, entrou pela porta da fé abraçando uma vida de comunhão com o mesmo Deus.

Este caminho de intimidade e de enamoramento entre Jesus Cristo e Teresa de Jesus durou a vida toda. No seu peregrinar, enquanto filha da Igreja, Teresa de Jesus nunca tomou uma atitude de exterioridade triunfalista ou imperial; mas a sua adesão à Igreja sempre foi numa atitude de serviço e amor⁷⁰. O testemunho evangelizador de Teresa de Jesus é de quem nos diz que, ao entrarmos como ela pela porta da fé, temos constantemente que retomar o caminho e continuar a aprender e a viver este sentir e sentido de serviço à Igreja e com a Igreja.

O testemunho de Teresa de Jesus leva-nos assim a entender que sempre o seu pensamento e o seu coração estiveram em concordância com a Igreja; «com razão, para ela, contemplar a Cristo é o mesmo que contemplar a Igreja que, existindo no tempo, encarna na sua vida as acções e o mistério do seu Senhor»⁷¹.

Este é fundamentalmente um caminho, um caminho no qual não devemos ter a pretensão de ver toda a distância logo à partida; apenas devemos procurar ver o que estamos chamados a percorrer em cada dia, isto porque o caminho actual deve servir de alicerce para uma sólida construção da nossa fé, do nosso amor e da nossa plenitude. «“Peregrinar na fé” é, pois, percorrer o “caminho da vida”, cruzando os nossos caminhos com os caminhos de Cristo, assim como Ele cruzou os seus caminhos com os nossos caminhos»⁷².

⁷⁰ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudos Teresianos*, Vol. III, 209.

⁷¹ L'OSSERVATORE ROMANO, “Carta do Santo Padre na abertura do Ano Teresiano”, 1.

⁷² M. FERNANDES dos REIS, “Santa Teresa de Jesus e a «arte de viver» - II”, 304.

Como temos vindo a abordar, Teresa de Jesus compreendeu que a sua vocação era a de orar em Igreja e com a Igreja. Esta certeza é regozijantemente reafirmada e confirmada pela própria,

«quando ao morrer exclamou “Sou filha da Igreja”, mostrou claramente as suas disposições espirituais: para ela a contemplação de Deus em Cristo torna-se amante contemplação da Sua Igreja; o desejo de se consagrar a Deus torna-se vontade de se dedicar à Igreja; a imolação de si mesma pela causa de Jesus transforma-se em cumprimento daquilo que falta à Sua Paixão em benefício do Seu corpo, que é a Igreja»⁷³.

3. A ACTUALIDADE DE UM DESAFIO

Sabemos que desde a segunda metade do século XVI, com o efervescer da mística, Teresa de Jesus adquire um enorme impacto pastoral. É sem dúvida com Teresa de Jesus que se inicia uma nova teologia e uma nova pastoral, ambas mais vivas e em maior sintonia com o Evangelho.

Teresa de Jesus com a sua mensagem e o seu testemunho torna-se para cada tempo um autêntico desafio,

«sigue siendo un *desafío* para la Iglesia, y concretamente para este momento de la pretendida «nueva evangelización», de ecumenismo, tiempo de testigos. Un desafío *pastoral* para la misma acción evangelizadora de la Iglesia, llamada a despertar la adhesión mística del cristiano a Jesucristo, la experiencia del encuentro con él, pues desde ahí y con esa dimensión, a distintos niveles, nacieron los escritos de Teresa, en los que se conjugan experiencia y palabra con un estilo confesional narrativo-descriptivo»⁷⁴.

⁷³ L'OSSERVATORE ROMANO, “Carta do Santo Padre na abertura do Ano Teresiano”, 1.

⁷⁴ M. HERRÁIZ, “Proyección pastoral de Santa Teresa: Apuntes para una reflexión”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 229.

Como desafio Teresa de Jesus lembra-nos que todos, pela nossa vocação, estamos convocados a uma responsabilidade evangélica que abrange todos os âmbitos da humanidade. Todo o seu percurso é uma novidade doutrinal e também pedagógica na qual nos ensina que tudo é obra verdadeira de Deus e não nossa.

Uma vez convocados por Deus e tomando seriamente este encontro com Cristo, viveremos numa Igreja mais familiar, onde seja mais vivida e transmitida a lei do amor do que a lei institucional⁷⁵. Para Teresa de Jesus só a lei do amor é possível e «de devoções tontas, livre-nos Deus!...» (V 13, 16). É importante que em cada tempo se regressse à fonte do Evangelho, não apenas como imitação de outros mas como experiência;

«Teresa revive la historia evangélica a través de las numerosas apariciones y experiencias de Jesús; se recuperará el evangelio como libro fundante de toda expresión religiosa y las exigências evangélicas como, por una parte, indispensables para el encuentro con Dios y, por otra, como derivación de ese encuentro. De esta forma Teresa será para o siglo XXI lo que fue para el suyo propio: la discernidora de los estados de conciencia y el punto de referencia de que lo cristiano humaniza»⁷⁶.

Para os nossos dias, Teresa de Jesus, é uma presença bem viva e os seus escritos são sem dúvida um autêntico alimento espiritual que vão ajudando o cristão de cada tempo a crescer como pessoa na verdade, na justiça, na fortaleza, na amizade e na intimidade com Deus⁷⁷.

⁷⁵ Cf. S. CASTRO, “*El profetismo de Santa Teresa ante el siglo XXI*”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 239.

⁷⁶ S. CASTRO, “*El profetismo de Santa Teresa ante el siglo XXI*”, 241.

⁷⁷ Cf. A. BARRIENTOS (Dir.), *Introducción a la Lectura de Santa Teresa*, Editorial de Espiritualidad, Madrid, [s.d], 106.

3.1. TERESA DE JESUS, DOUTORA DA IGREJA

Reunindo tal impacto, Teresa de Jesus, só poderia ser reconhecida como Doutora da Igreja. Este de facto é mais um momento de enorme densidade e projecção na vida da Igreja e da humanidade. «La proclamación de santa Teresa de Jesús como doctora de la Iglesia, hecha por Pablo VI el 27 de septiembre de 1970, es sin duda un momento importante de la historia de la Recepción y extensión del mensaje de Teresa de Jesus en nuestra época»⁷⁸.

O anúncio feito por Paulo VI suscitou desde logo reacções de entusiasmo mas também de muita perplexidade. A própria Congregação dos Ritos chamou a atenção para um processo ponderado porque conceder o título de Doutor/a da Igreja exige uma profundidade teológica que seja estável e que tenha continuidade, no fundo que a sua doutrina não seja de forma alguma influenciada pelo pêndulo da circunstância ou pelo superficial capricho da moda⁷⁹.

A este anúncio de Paulo VI também devemos juntar o facto de a Igreja estar já a viver uma fase pós-conciliar. A Igreja passava por um período de enormes transformações e a própria celebração do Concílio Vaticano II chamou a atenção para a necessidade de uma profunda revisão dos valores da teologia e da espiritualidade. Sem dúvida, é o despontar de uma nova fase, de um novo entendimento, de novas formas da vivência da fé.

Pode não ser perceptível de imediato, mas o próprio Concílio Ecuménico Vaticano II segue os ensinamentos teresianos.

⁷⁸ J. CASTELLANO CERVERA, “*El doctorado de Santa Teresa y su nueva presencia*”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 207.

⁷⁹ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos: Biografía e Historia*, Vol. I, Editorial Monte Carmelo, Burgos, [s.d], 695.

A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n.º 8⁸⁰, revaloriza o testemunho que os cristãos devem viver e transmitir sob a acção do Espírito Santo e por um conhecimento particular que vão fazendo de Deus pela Sagrada Escritura. Ora como evoca Teresa de Jesus, este é um diálogo que só pode acontecer na amizade com Deus, na oração.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n.º 12⁸¹, também realça a importância que a comunidade eclesial tem em si mesma, na diversidade de carismas. Da diversidade de carismas existe uma maior compreensão do Mistério e, consequentemente, existe uma maior proclamação desse mesmo Mistério em toda a Igreja. Este é, sem dúvida, um texto que revaloriza todo o ensinamento de Teresa de Jesus assim como o seu carisma magisterial.

⁸⁰ «Assim, a pregação apostólica, que está exposta de um modo especial nos livros inspirados, deverá conservar-se por uma sucessão contínua até ao fim dos tempos. Por isso, os Apóstolos, transmitindo o que eles próprios receberam, exortam os fiéis a manterem as tradições que aprenderam, quer oralmente, quer por escrito e a lutarem pela fé que lhes foi transmitida de uma vez para sempre. Ora, aquilo que os Apóstolos transmitiram compreende todas aquelas coisas que são necessárias para o Povo de Deus viver santamente e para aumentar a sua fé; assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, conserva e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, e tudo aquilo em que acredita.

Esta tradição apostólica vai crescendo na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Com efeito, tanto a compreensão das coisas como das palavras transmitidas, cresce, quer pela reflexão e estudos dos crentes, que as meditam no seu coração, quer pela íntima compreensão que experimentam das coisas espirituais, quer pela pregação daqueles que, com a sucessão do Episcopado, receberam o carisma seguro da verdade. Isto é, a Igreja, no decorrer dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se cumpram as palavras de Deus.

Os ensinamentos dos santos Padres testemunham a presença viva desta Tradição, cujas riquezas se comunicaram à prática da vida da Igreja crente e orante. Por esta mesma Tradição, a Igreja conhece o Cântico inteiro dos Livros Sagrados, e a própria Sagrada Escritura é nela mais profundamente compreendida torna-se incessantemente operante; desta forma, Deus que outrora falou, dialoga permanentemente com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo, pelo qual a voz do Evangelho ressoa à verdade plena, e faz que a palavra de Cristo habite neles abundantemente» (CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação (Dei Verbum)*, 8, Gráfica de Coimbra, [Coimbra], [s.d.]).

⁸¹ «O povo santo de Deus participa também da missão profética de Cristo: dá testemunho vivo dEle, especialmente pela vida de fé e de caridade, e oferece a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que glorificam o Seu Nome (cf. Heb 13, 15). A totalidade dos fiéis, que possuem a unção que vem do Espírito Santo (cf. 1 Jo 2, 20 e 27), não pode enganar-se na fé, e manifesta esta propriedade particular através do sentido sobrenatural da fé do povo inteiro, quando, «desde os bispos até aos últimos fiéis leigos», manifesta consenso universal a respeito das verdades da fé e costumes. Graças a este sentido da fé, provocado e sustentado pelo Espírito da verdade, e sob a orientação do sagrado Magistério, que garante aos que lhe obedecem fielmente não uma palavra humana, mas a palavra de Deus (cf. 1 Ts 2, 13), o povo de Deus adere indefectivelmente à fé que foi transmitida aos santos de uma vez para sempre (cf. Jd 3), penetra-a mais profunda e convenientemente, e transpõe-na mais intensamente para a sua vida. Além disso, o mesmo Espírito Santo não se limita a santificar e dirigir o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios, e a orná-los de virtudes, mas concede dons e graças especiais, aos fiéis de todas as classes, distribuindo a cada um conforme lhe apraz, (1 Cor 12, 11) tornando-os aptos e disponíveis para assumirem os diversos cargos e ofícios úteis à renovação e maior crescimento da Igreja, segundo aquelas palavras: A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum (1 Cor 12, 7). Devem aceitar-se estes carismas com acção de graças e consolação, pois todos, desde os mais extraordinários aos simples e comuns, são perfeitamente acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Não devemos pedir temerariamente dons extraordinários, nem, com presunção, esperar deles frutos das obras apostólicas; é aos que governam a Igreja que cabe julgar acerca da sua genuinidade e da conveniência do seu uso; de modo particular, e reter o que for bom (cf. 1 Ts 5, 12 e 19-21)» (CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja (Lumen Gentium)*, 12).

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n.º 22⁸², que mais uma vez confirma os ensinamentos teresianos falando do homem, na sua dignidade humana, na sua vocação, na sua comunhão com Deus e no seu diálogo amoroso feito na oração.

Teresa de Jesus é assim a primeira mulher a ser proclamada Doutora da Igreja, apesar das palavras de S. Paulo ao advogar que,

«como acontece em todas as assembleias de santos, as mulheres estejam caladas nas assembleias, porque não lhes é permitido tomar a palavra e, como diz também a Lei, devem ser submissas. Se quiserem saber alguma coisa, perguntem em casa aos maridos, porque não é conveniente para uma mulher falar na assembleia» (1Cor 15, 33b-35).

Paulo VI não tinha quaisquer dúvidas e também saberia que a Santa Teresa de Jesus não havia de faltar nem a perenidade e muito menos a actualidade. Já nos processos de beatificação e canonização se foi reconhecendo a Santa Teresa de Jesus um carácter carismático que sempre nos transmitiu na sua mensagem de vida interior.

Vejamos que:

«en el *Proceso* remisorial de 1606 se lee: “La Doctrina de estos libros, como se echa de ver por su eminencia, y así pública y comúnmente es tenido y reputado, no fue adquirida o enseñada por industria humana, sino infundida por Dios por medio de la oración... La

⁸² «Na realidade, o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado. Efectivamente, Adão, o primeiro homem, era figura do que havia de vir. Cristo Senhor, novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e do seu amor, manifesta plenamente o homem ao próprio homem e descobre-lhe a sua altíssima vocação. Não é de surpreender, por conseguinte, que as verdades até aqui expostas encontrem n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a sua culminância.

Ele que é a «*Imagem de Deus invisível*» (Cl 1, 15), é também o Homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a imagem divina, deformada desde o primeiro pecado. Porque n'Ele a natureza humana foi assumida, não absorvida, por isso mesmo ela foi elevada, também em nós, a uma dignidade sublime. Com efeito, pela Sua Incarnação, o próprio Filho de Deus uniu-se de alguma maneira a todo o homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, em tudo semelhante a nós, excepto no pecado.

(...) Tornado conforme à imagem do Filho, que é Primogénito de muitos irmãos, o homem cristão recebe «*as primícias do Espírito*» (Rm 8, 23), que o tornam capaz de cumprir a nova lei do amor. (...) Uma vez que Cristo morreu por todos e a vocação última do homem é realmente uma só, a vocação divina, nós devemos afirmar que o Espírito Santo oferece a todos, de um modo que só Deus conhece, a possibilidade de se associarem ao mistério pascal.

Tal e tão grande é o mistério do homem que a Revelação cristã faz brilhar aos olhos dos crentes. É, pois, por Cristo e em Cristo que se esclarece o enigma da dor e da morte, o qual, à margem do Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, com a sua morte destruiu a morte e deu-nos a vida, para que, filhos no Filho, clamemos no Espírito: *Abba! Pai*» (CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo* (*Gaudium et Spes*), 22).

doctrina de los libros no sólo es santa y católica, mas muy provechosa a la Iglesia, y se há seguido grande aprovechamiento a las almas con la lección de estos libros y se han visto maravillosas conversiones y mudanzas de costumbres”.

Un coro de teólogos respalda estas afirmaciones en la *Carta postulatoria* de la Universidad salmantina: “Ni menos útil a la Iglesia y a la consideración menos admirable, es el que una mujer sin letras participase tanto de las divinas luces, que dejase escritos muchos libros, enriquecidos de católicas y utilísimas doctrinas, con tan dulce, propio y agradable estilo, que si convida a todos a registrar sus páginas, no menos excita a la suma piedad y contemplación de las cosas divinas”.

La *Bula de Canonización* refrendaba oficialmente estos testimonios con palabras de encomio: “Adimplevit eam spiritu intelligentiae, ut non solum bonorum operum in Ecclesia Dei exempla relinqueret, sed ut illam coelestis sapientiae imbribus irrigaret, editis de Mystica Theologia, aliisque etiam multa pietate refertis libellis, ex quibus fidelium mentes ubérrimos fructus percipiunt et ad supernae patriae desiderium máxime excitantur”⁸³.

Todo o seu processo leva exclusivamente a uma conclusão: a sua santidade era definitivamente reconhecida por toda a Igreja. Progressivamente a sua doutrina, contida nos seus escritos, foi-se tornando eco na voz da Igreja e de cada cristão. A sua canonização claramente a confirma como “mestra e doutora”⁸⁴.

Também na liturgia é reconhecida a sua presença e a sua eminente doutrina.

«Desde su beatificación, 24 de abril de 1614, se encuentran preces u oraciones que cuadran y se conceden sólo a los doctores. La oración aprobada para hacer memoria de la nueva beata concluye: “Concédenos no sólo imitar lo que hizo, sino realizar lo que enseñó”. Y la oración aprobada para España habla “de la admirable gracia de erudición de Teresa”. Y la oración propia, que concuerda con la oración común de vírgenes, aprobada por Urbano VIII, 10 de febrero de 1629, tiene esta frase: “así nos alimentemos con su Doctrina celestial y aprendamos a servirte con amor”⁸⁵.

⁸³ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. I, 687.

⁸⁴ E. RENEDO, “Doctorado”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 556-557.

⁸⁵ E. RENEDO, “Doctorado”, 558.

Santa Teresa de Jesus só poderia ser mesmo proclamada Doutora da Igreja. Diante de nós aparece como mulher excepcional que, na humildade e na simplicidade de vida, nos testemunha um dinamismo espiritual insigne. Bem afirmava Paulo VI na cerimónia da proclamação de Doutora da Igreja: «como é grande, como é única, como é humana e como é atraente esta figura!»⁸⁶. Santa Teresa de Jesus indubitavelmente é «uma alma, na qual a iniciativa divina extraordinária se manifesta (...)»⁸⁷.

Mais uma vez somos convocados a tomarmos os ensinamentos de Santa Teresa de Jesus. Como nos transmitiu Paulo VI, a sua doutrina

«resplandece pelos carismas de verdade, de conformidade com a fé católica, de utilidade para a erudição das almas, e também por outro carisma, que nos leva a pensar sobre o aspecto mais atraente e, ao mesmo tempo, mais misterioso do doutorado de Santa Teresa, isto é, sobre o influxo da inspiração divina nesta prodigiosa escritora mística»⁸⁸.

Santa Teresa de Jesus é doutora da Igreja com uma mensagem à medida de todos os homens e de todos os tempos; é uma mensagem profundamente cristã que não fica meramente reservada à Igreja, enquanto tal, mas que se torna ecuménica e transcendente⁸⁹.

⁸⁶ L'OSSERVATORE ROMANO, “O valor e as características da doutrina de Santa Teresa”, Edição Portuguesa, 4 de Outubro de 1970, 1.

⁸⁷ L'OSSERVATORE ROMANO, “O valor e as características da doutrina de Santa Teresa”, 1.

⁸⁸ L'OSSERVATORE ROMANO, “O valor e as características da doutrina de Santa Teresa”, 1.

⁸⁹ Cf. T. ÁLVAREZ, *Estudos Teresianos*, Vol. I, 701.

3.2. PRESENÇA PARA O CRISTÃO DE HOJE

Para o Cristão de hoje olhar para a vida e para os ensinamentos de Santa Teresa de Jesus deve fazer-se acompanhar de alguns critérios. Nos seus escritos deparamo-nos diante da realidade da vida e da experiência, as quais provocam no cristão um salutar desafio à procura dessa mesma experiência.

Santa Teresa de Jesus «mãe de encantadora simplicidade e mestra de admirável profundidade»⁹⁰ não deseja que nos contentemos apenas em conhecer a sua experiência; ela impele-nos a que também nos confiemos totalmente a essa experiência pessoal e original com Deus. Abrir caminhos, explorar veredas. Deus, eterna novidade, desafia-nos a começar sempre de novo.

A perene novidade de Santa Teresa de Jesus está na compreensão que faz da oração como acontecimento existencial. Deste modo

«la oración mental se va convirtiendo cada vez más en la clave y en el distintivo peculiar de la espiritualidad teresiana. Esto supone entender la oración como acontecimiento existencial («existentieller Vollzug»), es decir, según su propia definición, como «trato de amistad», y no como un hecho aislado o el cumplimiento sin más de determinados rezos»⁹¹.

Toda a sua vida foi um colóquio com Deus; a sua palavra preferida é Deus, «e no seu testemunho Deus aparece com toda a força das manifestações da história da salvação»⁹². Teresa de Jesus é na verdade, para nós, uma palavra viva que nos deve recordar quotidianamente a verdade e a vitalidade do Evangelho; ela é

⁹⁰ L'OSSERVATORE ROMANO, "O valor e as características da doutrina de Santa Teresa", 2.

⁹¹ U. DOBHAN, "El mensaje teresiano ante el siglo XXI", in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 244.

⁹² L'OSSERVATORE ROMANO, "Ano Jubilar do IV centenário da morte de Santa Teresa de Jesus: Segredo e mensagem de um nome", Edição Portuguesa, 18 de Outubro de 1981, 8.

«como uma palavra da Palavra, uma emanção do Verbo de Deus, uma parte desse Evangelho vivo que Deus continua a pronunciar na Sua Igreja, um fragmento desse mosaico universal que apresenta a figura majestosa de Cristo. Assim brilha no firmamento da Igreja como palavra de Deus dita a seu tempo, e presente para sempre como mensagem de amor aos homens, exegese viva do mistério da oração cristã, porque Teresa diz no Verbo de Deus, que é Jesus Cristo, esse aspecto fundamental da vida do Senhor que foi a sua oração silenciosa, frequente e prolongada»⁹³.

Sem dúvida Teresa de Jesus brilha no firmamento da Igreja e de toda a humanidade. A nós, cristãos do século XXI, continua-nos a transmitir os seus ensinamentos. Para a actualidade o enorme desafio a enfrentar é o de cultivarmos uma oração que seja não como obrigação mas como relação de amizade e de intimidade com Deus. Somente partindo desta amizade com Deus é que poderemos deixar para trás uma vivência individualista, caminhando paulatinamente numa abertura a Deus e aos outros.

Afirmarmos que o reino de Deus está já presente deve pressupor uma relação e uma experiência tão profunda e sincera como a de Teresa de Jesus. Não nos devemos contentar em oferecer os mínimos a Deus, em alguns momentos do nosso dia, com determinadas orações. A Deus devemos não somente oferecer mas, sobretudo, oferecemo-nos.

Atestarmos que o Reino de Deus está em nós como o declara Teresa de Jesus significa que toda a nossa vida se converte numa vida com e para Deus⁹⁴. Desta forma «no se puede ser verdaderamente piadoso y al mismo tiempo abusar del prójimo. No se puede poseer el Reino de Dios en nosotros y al mismo tiempo dejarse arrastrar por el poder y el dinero»⁹⁵.

Tomar os ensinamentos teresianos seriamente é não dar espaço à incoerência de vida ou de valores. O que nos é transmitido é que devemos pautar os nossos actos pela tolerância, pela dignidade e pelo respeito a cada pessoa. De outro modo nunca poderemos afirmar que em nós já está presente o Reino de Deus.

⁹³ L'OSSERVATORE ROMANO, "Ano Jubilar do IV centenário da morte de Santa Teresa de Jesus: Segredo e mensagem de um nome", 8.

⁹⁴ Cf. U. DOBHAN, "El mensaje teresiano ante el siglo XXI", 246.

⁹⁵ U. DOBHAN, "El mensaje teresiano ante el siglo XXI", 247.

O fundamentalismo ou o integrismo não podem ter lugar numa sociedade pluricultural como a nossa. Sem dúvida devemos retirar da mensagem de Teresa de Jesus que

«el Reino no es otra cosa sino el don gratuito de Dios que desea establecer una relación de amor con cada hombre. Por tanto, no se puede aceptar como verdadera únicamente la propia opinión, pretendiendo estar en posesión de la verdad en forma exclusiva. El hombre que cree en la presencia del Reino de Dios en cada persona, es alguien capaz de aceptar la diversidad del otro, llegando incluso a descubrir en ella una riqueza. (...)»⁹⁶.

Hoje é frequente ouvir que a Igreja está em crise, que o mundo está em crise... No fundo o que acontece é que em nós não existe este Reino de Deus que tão claramente Teresa de Jesus nos dá a conhecer.

Sem dúvida que, nos nossos dias, a teologia de Teresa de Jesus sobre o Reino de Deus presente e testemunhado, em cada um, é a possibilidade de mudarmos o curso da história; «su propuesta permite la realización de la intención de Jesús, esto es, la formación de pequeñas comunidades cristianas»⁹⁷.

Teresa de Jesus impele-nos a redescobrirmos o Evangelho e a encontrarmos novas formas de o viver e anunciar. Nela o momento culminante da vida espiritual não é o repouso mas sim a vontade que sempre manifestou em caminhar, de viver na corrente da história. Mesmo no leito de morte, Teresa de Jesus, sente esta vontade de partir pelo caminho até ao encontro definitivo e tão esperado.

Para nós hoje também será hora de nos pormos a caminho! Devemos sentir a ousadia de uma “determinada determinação” que também nos entusiasme a «subir aos caminhos da humanidade... A Igreja pode e deve dar-se a si mesma a ordem de marcha: “Hora é já de caminhar”. Palavra e desafio de uma contemplativa a uma Igreja que – peregrina por vocação

⁹⁶ U. DOBHAN, “*El mensaje teresiano ante el siglo XXI*”, 247.

⁹⁷ U. DOBHAN, “*El mensaje teresiano ante el siglo XXI*”, 249.

– sente na sua carne a tentação do repouso que lhe dita a sua cobardia, não o repouso da plenitude»⁹⁸.

Finalmente, hodiernamente, os escritos de Santa Teresa de Jesus continuam a ser uma verdadeira «"Theorêsis", uma palavra viva, autorizada, penetrante e eficaz, acerca de Deus, com vibrações de experiência e autenticidade de quem fala porque viu e ouviu, tocou e foi testemunha do mistério de Deus»⁹⁹.

Podemos afirmar sem hesitação que «ao dar-no-la na Igreja, Deus disse-a como palavra Sua. Ao falar-nos, Teresa disse a Deus o que somos»¹⁰⁰. Continuamente exorta-nos à consagração e à contemplação, na certeza de que Deus, que é sempre fiel, nunca nos força contra a nossa vontade.

Teresa de Jesus continua a viver e a falar à Igreja e à humanidade afirmando que:

«quando uma alma começa, a fim de que ela não se alvoroce vendo-se tão pequena para conter em si tanta grandeza, o Senhor não se dá a conhecer até que a vá alargando pouco a pouco, conforme ao que entende é mister para o que nela quer pôr. Por isso digo que traz consigo a liberdade, pois tem o poder de tornar grande todo este palácio. O ponto está em que Lho demos como Seu, com toda a determinação, e Lho desembaracemos, para que possa pôr e tirar como coisa própria. E tem razão Sua Majestade; não Lha neguemos. Como Ele não quer forçar a nossa vontade, toma o que Lhe damos, mas não Se dá a Si de todo, até que de todo nos demos a Ele (...)» (CP 28, 12).

⁹⁸ L'OSSERVATORE ROMANO, "Ano Jubilar do IV centenário da morte de Santa Teresa de Jesus: Segredo e mensagem de um nome", 8.

⁹⁹ L'OSSERVATORE ROMANO, "Ano Jubilar do IV centenário da morte de Santa Teresa de Jesus: Segredo e mensagem de um nome", 8.

¹⁰⁰ L'OSSERVATORE ROMANO, "Ano Jubilar do IV centenário da morte de Santa Teresa de Jesus: Segredo e mensagem de um nome", 8.

CAPÍTULO III

«“Pai Nosso, que estais nos Céus”.

Oh! Senhor meu, como pareceis Pai de tal Filho e como o Vosso Filho parece filho de tal Pai! Bendito sejais para todo o sempre! No fim da oração, não seria já tão grande, Senhor, esta mercê? Mas logo, em começando, nos encheis as mãos e fazeis tão grande mercê que seria grande bem o encher-se dela o entendimento para ocupar a vontade de modo a que não pudesse dizer palavra» (CP 27, 1).

TRAÇOS DA DOCTRINA ESPIRITUAL

DE SANTA TERESA DE JESUS

Neste capítulo terceiro o que se pretende é dar a conhecer, ou pelo menos indicar, algumas linhas deste autêntico magistério espiritual que Santa Teresa de Jesus viveu e transmitiu. Estamos perante uma imensidade temática! Por isso mesmo centraremos, fundamentalmente, a nossa reflexão na temática da Oração como sendo o eixo fundante e fundamental. A belíssima figura de Santa Teresa de Jesus é a que mais sobressai em todos os tempos e a sua doutrina é indiscutivelmente uma «explicación armónica y grandiosa del Evangelio»¹⁰¹.

1. A MÍSTICA CARMELITANA COMO DIÁLOGO

Torna-se interessante reafirmar que «el elemento característico de la espiritualidad carmelitana reside, a mi entender, en proponer la contemplación como centro y eje del ideal de vida cristiana»¹⁰². Para tal é fundamental um redescobrimento do núcleo central de toda a vida cristã.

¹⁰¹ S. CASTRO, *Ser Cristiano segun Santa Teresa. Teología y Espiritualidad*, Editorial de Espiritualidad, Triana, Madrid, [s.d.], 20.

¹⁰² J. MARTÍN VELASCO, “Espiritualidad antigua y nueva: El Carmelo Teresiano-Sanjuanista ante el Espíritu del siglo XXI”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 609.

Este redescobrimento deve promover na Igreja uma revitalizada experiência mística, a mesma experiência vivida e transmitida pelos primeiros discípulos de Jesus. É difícil! Hoje o homem contemporâneo é envolvido e absorvido pelo mundo da ciência e da técnica.

Presentemente «el hombre contemporáneo se encoge de hombros ante cualquier planteamiento más profundo sobre el ser humano, el mundo o Dios»¹⁰³. Continuamos a assistir à degradação da vida interior e da humanidade porque não somos audazes em perceber que a ciência e a religião, em nenhum momento, se excluem ou que o progresso humano e a mística caminham como aliados e não como adversários. Podemos dizer que

«esta carencia de interioridad impide a muchos construir su vida de forma digna y gozosa, desarrollando las energías y posibilidades que en ellos se encierran. Unos construyen solamente su fachada exterior, pero por dentro están inmensamente vacíos; son personas que apenas dan ni reciben nada; simplemente se mueven y giran por la vida. Otros construyen su identidad de manera falsa; desarrollan un «yo» fuerte y poderoso, pero inauténtico; ellos mismos saben en lo secreto de sí mismos que su vida es apariencia y ficción. Hay también quienes construyen su persona de manera parcial e incompleta; atentos sólo a un aspecto de su vida, descuidan dimensiones importantes de la existencia; pueden ser buenos profesionales, personas cultas y bien organizadas que, sin embargo, corren el riesgo de fracasar como seres humanos»¹⁰⁴.

Não será despropositado afirmar que falta actualmente uma vinculação mística a Cristo, que favoreça e possibilite um estilo de vida marcadamente contemplativo, no qual possamos sentir e dar a conhecer que em nós já está o Reino de Deus.

Devemos ter consciência de que estamos envolvidos por uma mediocridade espiritual que não resulta meramente da nossa infidelidade mas, que fundamentalmente resulta, do modo erróneo como entendemos e vivemos o sentir em e como Igreja¹⁰⁵.

¹⁰³ J. ANTONIO PAGOLA, “Mística, Pastoral y Nueva Evangelización” in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesús y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 668.

¹⁰⁴ J. ANTONIO PAGOLA, “Mística, Pastoral y Nueva Evangelización”, 668.

¹⁰⁵ Cf. J. ANTONIO PAGOLA, “Mística, Pastoral y Nueva Evangelización”, 677.

A falta de uma experiência místico-contemplativa da Salvação conduz objectivamente o homem a uma desconfiguração da pessoa de Jesus Cristo. Tomando as palavras de E. Schillebeeckx relativamente à mística, este reitera que tal experiência se manifesta «como uma determinada respuesta a una crisis o a una cuestión surgida en un determinado contexto socio-histórico»¹⁰⁶. Deste modo, somos chamados a perceber que caminhamos num momento de crise, o qual e no qual, cada vez mais se sente a necessidade de entrar em contacto com Deus.

Somente esta profundidade de Deus em nós possibilitará uma transformação capaz de superar qualquer vicissitude; somente esta penetração de Deus em nós nos ajudará a perceber então o que é verdadeiramente a Nova Evangelização. «La nueva evangelización sólo podrá comunicar la Buena Noticia de este Dios si es capaz de reactualizar en nuestros tiempos la experiencia mística fontal que se vivió en la origen del cristianismo»¹⁰⁷.

A mística e de modo concreto a mística Carmelitana não pode ser reduzida a algo ou alguma coisa em concreto ou exclusivamente a um aspecto de toda a dinâmica espiritual. A mística Carmelitana, entendida como verdadeiro diálogo, deve definir-se pelo seu carácter integrador.

«Lo que explica esa fuerza integradora de la mística carmelitana es la conjugación armoniosa de todos los misterios de la fe cristiana y todos los elementos específicos de la revelación evangélica, sin privilegiar excesivamente a ninguno de ellos. De ahí procede su peculiar jerarquía de valores, centrada en las realidades primarias de la fe revelada, y en los factores decisivos del desarrollo de la vida del espíritu»¹⁰⁸.

Nos últimos séculos, a mística Carmelitana, tem sido uma referência à espiritualidade cristã. Nesta resposta auxiliadora podemos sintetizar os seus traços fundamentais para ter uma melhor visão de conjunto e de diálogo. A mística Carmelitana

¹⁰⁶ J. ANTONIO PAGOLA, “Mística, Pastoral y Nueva Evangelización”, 679.

¹⁰⁷ J. ANTONIO PAGOLA, “Mística, Pastoral y Nueva Evangelización”, 679.

¹⁰⁸ E. PACHO, O.C.D., “La Mística Carmelitana y su influjo en la Mística Cristiana”, in C. GARCÍA (Org.), *Mística en Diálogo. Congreso Internacional de Mística, Selección y Síntesis*, Monte Carmelo, [Burgos], [2004], 111.

«arranca de la centralidad de Cristo en la creación, redención y santificación, y contempla su presencia permanente en la vida espiritual de forma global o integral, en su divinidad y en su humanidad. La comunión o contacto con Cristo es la esencia misma de la vida mística, que tiene su punto de expansión y de convergencia en la oración y en la vida teologal. El desarrollo progresivo del trato íntimo y personal con Cristo está pautado en cada persona por etapas, situaciones y momentos espirituales bien precisos. La mística carmelitana es la que mejor ha definido y descrito ese proceso vital de la gracia como dos movimientos complementarios e interferidos: como vaciamiento o catarsis y como posesión o plenitud de vida divina»¹⁰⁹.

Como temos vindo a observar é urgente uma releitura mística que nos oriente ao diálogo íntimo e amoroso com Deus. Segundo João Paulo II, é sem dúvida uma exigência que se manifesta perentoriamente numa renovada necessidade de orar, como nos transmite Santa Teresa de Jesus¹¹⁰.

Reler a vida cristã como redescobrimento da vocação da humanidade é consequentemente estar em diálogo pessoal de fé com Deus em Jesus Cristo pelo Espírito Santo. «Es esencialmente una mística trinitaria, cristológica y pneumatológica. Es también una mística eclesial y del servicio»¹¹¹.

A mística Carmelitana pelo testemunho experiencial de Santa Teresa de Jesus ajuda-nos a não perder do nosso horizonte o essencial do Cristianismo. Sem dúvida que através deste diálogo percebemos que todo

«o progresso espiritual tende para a união cada vez mais íntima com Cristo. Esta união chama-se “mística”, porque participa no mistério de Cristo pelos sacramentos – “os santos mistérios” - e, n’Ele, no mistério da Santíssima Trindade. Deus chama-nos todos a esta íntima união com Ele, mesmo que graças especiais ou sinais extraordinários desta vida mística somente a alguns sejam concedidos, para manifestar o dom gratuito feito a todos» (CIC 2014).

¹⁰⁹ E. PACHO, O.C.D., “La Mística Carmelitana y su influjo en la Mística Cristiana”, 111-112.

¹¹⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*, 2ª edição, Editorial A.O. – Braga, [Braga], 2001, n.º 33.

¹¹¹ E. PACHO, O.C.D., “La Mística Carmelitana y su influjo en la Mística Cristiana”, 123.

Santa Teresa de Jesus ensina-nos claramente que o seguimento a Jesus Cristo é a única regra. Jesus Cristo é claramente o Evangelho em pessoa e cada pessoa é um Cristo vivo capaz de contemplar e configurar-se. Sendo Doutora mística da Igreja, Santa Teresa de Jesus, vive «una mistagogia de la experiencia personal com Dios»¹¹².

1.1. SANTA TERESA DE JESUS CONTEMPLATIVA MÍSTICA

Na Igreja, Santa Teresa de Jesus, caminha e vive como contemplativa mística. «Contemplación mística es su especialidad interior, su alta profesión espiritual, forma y canon de su santidad»¹¹³.

Ao longo do seu itinerário, apresenta dois momentos da sua vida espiritual: primeiramente antes das suas lutas ascéticas e posteriormente um momento claramente místico. «Esta segunda es unitaria, sin alternativas sustanciales, con continuidad de ascensión, de intensidad y de dotación y superdotación mística»¹¹⁴.

No seu entendimento e, sobretudo, nos seus ensinamentos dá a conhecer a contemplação como

«una forma de oración superior a la meditación y estructuralmente diversa de ésta. La meditación es discursiva. La contemplación no, es más bien intuitiva. Aquélla es racional, fundamentalmente obra del entendimiento orientado hacia la voluntad y la acción. La contemplación afecta directamente a la voluntad y envuelve a toda la persona del orante, a toda su actividad anímica, en un sencillo flujo de actividad y pasividad. Realiza una especial relación del hombre con Dios, prepara a la unión mística y perdura en los altos grados de la misma. Teresa distinguirá los actos o momentos pasajeros de contemplación,

¹¹² S. Ros GARCÍA, “El carisma del Carmelo vivido e interpretado por Santa Teresa”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 564.

¹¹³ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, Editorial Monte Carmelo, Burgos, [s.d.], 103.

¹¹⁴ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, 105.

y el “estado de contemplación”, que coincidirá en los escritos teresianos con los altos grados de experiencia mística, cuando el sujeto se ha sensibilizado y connaturalizado con la presencia y la acción de Dios en él»¹¹⁵.

Claramente percebemos que, segundo Santa Teresa de Jesus, a contemplação se inicia com uma presença mútua «um tal sentimento da presença de Deus, que de nenhuma maneira podia duvidar que estivesse dentro de mim e eu toda engolfada n’Ele» (V 10, 1). Deste modo afirma, convictamente, que na graça da contemplação mística Deus se manifesta na sua gratuidade incondicional¹¹⁶.

Santa Teresa de Jesus sendo, contemplativa mística, «es un testigo calificado de los valores sobrenaturales latentes en Iglesia; es, ante todo, un testigo excepcional de la realidad de los valores sobrenaturales existentes en la alma propia y en la de todo justificado»¹¹⁷.

Relativizar ou até mesmo ignorar esta dimensão de contemplativa mística, na pessoa de Santa Teresa de Jesus, seria o mesmo que não perceber a sua personalidade, o seu magistério, a sua obra de reforma ou até mesmo a sua santidade. «Las gracias místicas no sólo condicionan y circunstancian la persona, el mensaje y la obra teresiana, sino que las afectan y determinan intrínsecamente»¹¹⁸.

Como não podia deixar de ser, para ela, o ponto nevrálgico na sua contemplação mística é o mistério de Cristo. Se assim não fosse não estaríamos numa verdadeira contemplação. A contemplação não pode tomar para si uma tese platónica na qual se objectivem formas puras e imateriais¹¹⁹.

¹¹⁵ T. ÁLVAREZ, “Contemplación”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 410-411.

¹¹⁶ Cf. T. ÁLVAREZ, “Contemplación”, 413.

¹¹⁷ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, 171.

¹¹⁸ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, 169.

¹¹⁹ Cf. T. ÁLVAREZ, “Contemplación”, 418.

Sendo verdadeira contemplação mística, existirá provocação, desejo, intimidade; existirá presença e amor de Deus, «presencia amorosa de lo divino, que va impregnando todo el espácio existencial»¹²⁰.

1.2. FORTE TESTEMUNHO DE ESPERANÇA CRISTÃ

«“Esperar” es condición de toda vida cristiana. No menos esencial que el “creer” o el “amar”. El cristiano “vive de la fe”, lleva el amor “derramado en las entrañas”, y es ya “un salvado en Esperanza”. Lo normal sería, por tanto, que todo cristiano fuese ante los hombres un testigo de la “esperanza de gloria” que tenemos en Cristo Jesús»¹²¹.

Quando abordamos esta temática da esperança podemos elencar dois caminhos: o dos mártires e o dos místicos. Para nós, uma vez que acompanhamos todo o itinerário vivencial e testemunhal de Santa Teresa de Jesus, nos interessará mais o caminho dos místicos. «El místico, que experimenta en forma especial la salvación presente como preludio de la plenitud futura, las testifica proféticamente, con palabra humana llega de vigor y de eficacia para quienes no tienen el carisma de esa experiencia calificada de las realidades salvíficas»¹²².

Esta realidade ocupa um lugar de grande relevo em Santa Teresa de Jesus. No centro encontramos uma tensão dinâmica do homem no encontro a Jesus Cristo, o qual descobre a plenitude do seu ser¹²³.

Tensão dinâmica que engloba toda a vida do homem e que encontra a sua fundamentação e a sua confiança em Deus. Assim a esperança cristã compreenderá os elementos essenciais que a definem como virtude teologal.

¹²⁰ T. ÁLVAREZ, “Contemplación”, 417.

¹²¹ T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, 173.

¹²² T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, 174.

¹²³ Cf. C. GARCÍA, “Esperanza, Teología y espiritualidad de la”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), *Diccionario de Santa Teresa de Jesús, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 594.*

«“La esperanza es la virtud teologal por la que aspiramos al Reino de los cielos y a la vida eterna como felicidad nuestra, poniendo nuestra confianza en las promesas de Cristo y apoyándonos no en nuestras fuerzas, sino en los auxilios de la gracia del Espíritu Santo.” Pero la esperanza teologal no se vive al margen de las aspiraciones humanas: “La virtud de la esperanza corresponde al anhelo de felicidad puesto por Dios en el corazón de todo hombre; asume las esperanzas que inspiran las actividades de los hombres; las purifica para ordenarlas al Reino de los cielos; protege del desaliento; sostiene en todo desfallecimiento; dilata el corazón en la espera de la bienaventuranza eterna”»¹²⁴.

Permanentemente nesta tensão dinâmica e auxiliados pela graça do Espírito Santo, Santa Teresa de Jesus demonstra-nos que esta questão da esperança não se canaliza para um futuro puro, futuro que há-de vir. Aquilo que se pretende é que o homem, deixando o seu vazio, perceba esta intensidade que o determina e que, de alguma maneira, já está no aqui, no presente.

No fundo encontramos aqui esta dimensão do “já e do ainda não” que Santa Teresa de Jesus aborda a propósito do valor presente e futuro do Reino - «a los que se les da acá como le pedimos [su reino], les da prendas para que por ellas tengan gran esperanza de ir gozar perpetuamente de lo que acá les da a sorbos»¹²⁵.

O dinamismo desta atitude teologal, da esperança cristã, implicará que a vida humana se entenda e assimile como provisionalidade, como ânsia, como caminho; «un *camino* de *cristificación*, en el que el cristiano consecuente, bajo la *energía* del Espíritu, se va acercando a la meta»¹²⁶. No fundo é um itinerário de perfeição, uma vez que Santa Teresa de Jesus entende a vida como o espaço no qual o homem vai adquirindo a perfeição.

Tomamos consciência que, no seu itinerário, a edificação espiritual é todo um processo de cristificação no qual Jesus Cristo, habitando em nós, se vai tornando verdadeiro

¹²⁴ C. GARCÍA, “Esperanza, Teología y espiritualidad de la”, 595.

¹²⁵ C. GARCÍA, “Esperanza, Teología y espiritualidad de la”, 605.

¹²⁶ S. CASTRO, *Ser Cristiano segun Santa Teresa*, 220.

mestre e guia de todas as nossas faculdades. Assim «es, pues Cristo, mediante el Espíritu, el excitante de nuestra esperanza»¹²⁷.

Esta visão teresiana explicitamente rompe com qualquer teoria neoplatónica. Para Santa Teresa de Jesus a grandeza do mundo encontra-se na Humanidade de Jesus Cristo. «Llegará a afirmar que el hombre no es un ángel, sino que tiene cuerpo, y que, por consiguiente, ha de vivir su fe teniendo esto presente»¹²⁸. Dos seus ensinamentos depreendemos que,

«las esperanzas teresianas indudablemente que no so alienantes en el sentido dicho por muchos motivos, ya que ella no las asigna un contenido absolutamente escatológico, pues las localiza no como ruptura de lo terreno, sino más bien como planificación transcendente. Por otra parte, comprende la vida humana como el tiempo en que el cristiano debe repetir la historia de Jesús. Entre actitudes que el creyente ha de practicar, señala Santa Teresa la caridad o el amor al hombre. La esperanza, pues, no suplanta en el discípulo de Cristo el deber de trabajar en favor de los hermanos, sino que más bien lo intensifica»¹²⁹.

Sendo um dos pilares centrais da sua espiritualidade, Santa Teresa de Jesus, pelo seu testemunho de esperança cristã, ajuda-nos a perceber esta temática como fonte da missão e como princípio inspirador e renovador das realidades terrenas, não de forma alienante mas como motivo de actividade e de acção, de compromisso e de vigilância¹³⁰.

Apesar de pouco conhecida, a esperança é tremendamente importante para uma vida de perfeição;

«ante todo es Dios mismo. En la Esperanza no hay distinción de personas, todos somos perfectamente iguales. En este mundo nadie puede esperar lo mismo. El pobre no puede esperar tener el dinero del rico, el ignorante no puede esperar saber tanto como el sabio,

¹²⁷ S. CASTRO, *Ser Cristiano segun Santa Teresa*, 224.

¹²⁸ S. CASTRO, *Ser Cristiano segun Santa Teresa*, 231.

¹²⁹ S. CASTRO, *Ser Cristiano segun Santa Teresa*, 230.

¹³⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*, 2ª edição, Paulinas, [s.l.], [s.d.], n.º 27.

el pequeño no puede esperar recibir los honores del grande. Pero todos, todos sin excepción, podemos esperar poseer a Dios en la gloria»¹³¹.

Santa Teresa de Jesus é um forte testemunho de esperança cristã porque, apesar da sua consciência de pecadora, encontrou motivos para merecer tal bem. Sem reservas soube confiar em Deus, na sua bondade, na sua palavra; firmemente soube excluir todo o desalento. Radicalmente convertida a Deus não viu o pecado como obstáculo à salvação mas como contributo de santificação. O seu testemunho de esperança sempre se encontrou alicerçado na sua fé.

Ela, consciente de que quem crê é capaz de esperar, caminha sempre nesta dinâmica de abertura total e confiante em Deus na qual se pode considerar que

«la esperanza e saliento en nuestros propósitos, alivio en nuestros afane, secreto de nuestra paciencia; es clave sin la cual se tornarían insufribles nuestros pesares. Mientras hay vida hay esperanza, décimos. Con la Esperanza todo tiene remedio. Allí donde el amor a nada aspira, se extingue, porque para el amor aspirar es esperar. La amada anhela al Amado; pues mirad, este anhelo equivale a la más perfecta esperanza, porque el amor lleva a la esperanza y la esperanza al amor»¹³².

¹³¹ M. LÓPEZ PARADELA, Pbro., *Guía Práctica de Almas Espirituales*, Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca, 2005, 139.

¹³² M. LÓPEZ PARADELA, Pbro., *Guía Práctica de Almas Espirituales*, 142.

2. MARIA: MÃE E MODELO NA EXPERIÊNCIA TERESIANA

Relativamente a Maria Santíssima, Santa Teresa de Jesus não apresenta uma reflexão exaustiva. Ainda assim tem um lugar privilegiado. «Pero lo cierto es que la Virgen María está presente en los momentos más influyentes de la vida personal, fundacional y de escritora de Teresa de Ahumada, ya desde el hogar paterno»¹³³.

Ao longo da sua vida, Santa Teresa de Jesus, vai descobrindo a figura de Maria Santíssima implícita numa experiência religiosa profunda. É sentindo a necessidade de esclarecer a Humanidade de Jesus na vida espiritual que afirmará a realidade teológica de Maria como verdadeiro modelo do e para o cristão. «María es modelo del cristiano principalmente en su intenso amor a Jesucristo»¹³⁴.

Na figura de Maria é capaz de reconhecer a Sua humildade como atitude a ser adoptada por todos os discípulos. Maria é claramente, em Santa Teresa de Jesus, exemplaridade de virtude, de fé, de sabedoria. Assim, «siempre hemos de mirar a la Virgen como Madre. Ella es la Madre de Dios, Madre nuestra y Medianera de todas las gracias. Estos tres títulos nos exigen una perfecta consagración a María»¹³⁵.

A presença de Maria Santíssima passa a ser uma constante na vida espiritual, na sua vida de oração e, de algum modo, também na sua doutrina. Sobretudo a partir das suas experiências místicas a presença de Maria acentua-se abundantemente¹³⁶.

«No es difícil comprobar cómo se da un cierto paralelismo entre la experiencia teresiana crística y mariana. Como sucede con el resto de todas las demás experiencias mística teresianas. Todas tienen un objetivo común, que es la gloria de Dios, la santificación de la

¹³³ M. MARTÍN del BLANCO, “*María Santísima*”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 954.

¹³⁴ S. CASTRO, *Ser Cristiano segun Santa Teresa*, 282.

¹³⁵ M. LÓPEZ PARADELA, Pbro., *Guía Práctica de Almas Espirituales*, 267.

¹³⁶ Cf. M. MARTÍN DEL BLANCO, “*María Santísima*”, 945.

agraciada y el ayudar a la Santa a servir sin condiciones a la Iglesia, pues ella es consciente de que sirviendo a la Iglesia, mediante la oración, el sacrificio y demás realidades de la vida del Nuevo Carmelo, está sirviendo a María, a quien pertenece la misma Iglesia y el Carmelo en concreto»¹³⁷.

Ao longo do seu entendimento e vivência, Santa Teresa de Jesus, como que desenvolve inúmeras formas e títulos para expressar a realidade de Maria Santíssima.

«De todos los títulos y modos marianos, el que más usa santa Teresa de Jesús es SEÑORA (unas 66 veces). Después es el de VIRGEN (unas 40 veces). Luego, que es el título más importante para la Santa, viene el de MADRE (unas 25 veces). En lugares más secundarios están los títulos de PATRONA (8 veces), Reina de los ángeles (3 veces), Reina del cielo (1 vez), Intercesora (2 veces), Emperadora (1 vez) y Priora (1 vez)»¹³⁸.

Percebendo esta existente identificação que, progressivamente, se vai transformando em entrega vemos que Maria, ao ser Mãe de Deus, é a mais excelente das criaturas à qual devemos a nossa reverência e seguimento.

Perante nossa Senhora a única expressão que devemos expelir é de amor, de amor filial; «es la Madre más amable por su ternura, su bondad, su abnegación; es la Madre más amante, porque nos ama con el mismo amor con que ama Jesús. Siendo la Virgen la Madre más amable y la más amante de todas, debe ser también la más amada»¹³⁹.

Tornasse belo contemplar a figura de Maria Santíssima em plena sintonia com a figura de Santa Teresa de Jesus. Basta-nos ter em atenção alguns textos teresianos para constataremos que a presença de Maria surge num completo ambiente envolvente donde emerge a beleza e a paz¹⁴⁰. Este mesmo ambiente remete Santa Teresa de Jesus para o Eterno. Sem dúvida alguma a figura de Maria, que nos é transmitida por Santa Teresa de Jesus, não é

¹³⁷ M. MARTÍN DEL BLANCO, “*María Santísima*”, 947.

¹³⁸ M. MARTÍN DEL BLANCO, “*María Santísima*”, 943.

¹³⁹ M. LÓPEZ PARADELA, Pbro., *Guía Práctica de Almas Espirituales*, 269.

¹⁴⁰ Por outras palavras falamos em Mariofanias. Mariofanias «es – en la historia de la Iglesia – un hecho que pone de manifiesto, carismáticamente, la presencia y la función de María en la peregrinación de la Iglesia misma o en la historia de una persona», T. ÁLVAREZ, *Estudios Teresianos*, Vol. III, 381.

uma mera idealização ou um mito, «sino un ser humano en el que la carne ha alcanzado su supremo grado de purificación y el espíritu ha tocado el mismo corazón de Dios»¹⁴¹.

A vida de Maria Santíssima é completamente unida à de Cristo e como parte integrante da Igreja. Não nos é despropositado então afirmar que Maria é modelo em tudo «en vida de gracia y de virtudes; de oración y de vida cristiana»¹⁴². Em Maria tudo nos é apresentado como seguimento de Jesus Cristo. Santa Teresa de Jesus encontra, assim em Maria, o modelo para si mesma mas também para as suas filhas.

Em concreto toda a experiência teresiana de Maria caminha conjuntamente com a sua experiência Trinitária e Cristológica; «la Santa ve, ama, y venera a María particularmente como Madre, Virgen, Señora. En un segundo lugar como Reina, Patrona, Intercesora, Emperadora»¹⁴³.

Como se acabou de elencar, Santa Teresa de Jesus é capaz de tal identificação com a figura de Maria porque também desde sempre a viu, a amou e a venerou como Mãe. É sobretudo quando fica órfã de sua mãe que, Santa Teresa de Jesus, desperta para uma nova maternidade ao suplicar a Maria Santíssima que fosse sua Mãe.

«Recordo-me que, quando morreu minha mãe, fiquei da idade de doze anos, pouco menos. Quando comecei a perceber o que tinha perdido, fui-me, aflita, a uma imagem de Nossa Senhora e supliquei-Lhe, com muitas lágrimas, que fosse minha Mãe. Embora o fizesse com simplicidade, parece-me que me tem valido; porque conhecidamente tenho encontrado esta Virgem soberana, sempre que, me tenho encomendado a, Ela, e, enfim, tornou-me a Si» (V 1, 7).

Ao ser Mãe e Modelo depreendemos que Maria Santíssima sempre esteve presente na vida de Santa Teresa de Jesus: desde a sua infância, acompanhando-a na sua juventude até à

¹⁴¹ S. CASTRO, *Ser Cristiano segun Santa Teresa*, 288.

¹⁴² M. MARTÍN DEL BLANCO, “*María Santísima*”, 949.

¹⁴³ M. MARTÍN DEL BLANCO, “*María Santísima*”, 954.

sua morte inclusivamente. Ela percebeu muitíssimo bem que «quien desea tener a Jesús, debe tener a María»¹⁴⁴.

Maria é claramente o caminho mais curto para chegar a Jesus e por Ele ao Pai. Tal é a sua importância que «Dios ha asociado de tal modo María a nuestra santificación que en la actual economía de la gracia, sin la ayuda de la Virgen, no se puede alcanzar la santidad. La devoción a la Virgen, por tanto, no es una devoción más, sino algo básico y fundamental en la vida espiritual»¹⁴⁵.

3. A CENTRALIDADE DA ORAÇÃO NA DOUTRINA ESPIRITUAL TERESIANA

«Teresa disfruta de una gracia oracional clara y potente. Gracia que acciona y provoca en ella no menos clara y potente actitud orante. Desde los primeros compases de su vida cristiana hasta la consumada plenitud de la hora postrera. Una gracia a la que, no obstante las cortas y lloradas claudicaciones, no pudo substraerse. Más fuerte que ella. Por eso, terminó por imponérsele. Es evidente que Teresa lee su vida bajo el prisma de la oración, como historia de amistad. Y, haciéndolo desde la experiencia, larga, profunda y depurada, de una oración mística, experiencia que ha generado en ella una comprensión luminosísima de la oración cristiana, hacia la oración deriva su palabra y sus cuidados pedagógicos (...)»¹⁴⁶.

Esta acção que provoca uma atitude orante é todo um caminho até à identificação com Jesus Cristo; é uma experiência pessoal, uma experiência que logo no seu início se mantém, se intensifica e transforma a cada dia.

¹⁴⁴ M. LÓPEZ PARADELA, Pbro., *Guía Práctica de Almas Espirituales*, 274.

¹⁴⁵ M. LÓPEZ PARADELA, Pbro., *Guía Práctica de Almas Espirituales*, 274.

¹⁴⁶ M. HERRÁIZ, OCD., *Santa Teresa. Maestra de Espirituales*, Vol. 13, Editorial Raxant, Madrid, [s.d], 165-166.

Deus, sem dúvida, nasce no coração de cada homem e com ele se coloca em caminho. Como viandante, o homem, acompanhado por Deus, é peregrino, busca, sofre, ama, descobre. Muitos são os acontecimentos da vida. Cada acontecimento vai possibilitando, como que, uma divisão em duas partes na própria existência. Como diz Santa Teresa de Jesus: «daqui por diante, é outro livro novo, digo, outra vida nova. Até aqui era a minha, a que tenho vivido, desde que comecei a declarar estas coisas de oração; vivia Deus em mim, ao que me parecia, porque reconheço que me era impossível, em tão pouco tempo, sair de tão maus costumes e obras» (V 23, 1).

Santa Teresa de Jesus, nesta vida nova, chega à maravilhosa terra da promessa, à terra da experiência de Deus¹⁴⁷. Experiência que se desenvolve na Oração e que dificilmente se poderá compreender simplesmente pelo pensamento ou pela pedagogia. Como já o salientamos, Santa Teresa de Jesus foi declarada doutora da Igreja pela sua experiência de oração, pelo seu modo de orar; «de facto, a oração é o seu carisma na Igreja, a especialidade da sua vocação e missão apostólicas»¹⁴⁸.

A Oração, é na sua perspectiva, um abranger de toda a vida, numa relação esponsal com o Senhor, personalizada em todas as relações que se estabelecem com os próximos. Para ela, «a oração, como relação de amizade, é o “meio” e o “lugar” da sua “experiência” de Deus. Não se limita propriamente ao “acto” orante, nem mesmo à “atitude” e “pedagogia” orante, mas exprime o “seu modo de ser orante”, a sua vida de oração e a sua oração feita vida»¹⁴⁹.

¹⁴⁷ Cf. A. ALVES PORTUGAL, “«Até à identificação com Cristo»: em São Paulo e Teresa de Jesus”, *Revista de Espiritualidade* 71 (2010), 164.

¹⁴⁸ M. FERNANDES dos REIS, “Santa Teresa de Jesus e o Regresso ao Essencial da Oração”, *Revista de Espiritualidade* 38 (2002), 88.

¹⁴⁹ M. FERNANDES dos REIS, “Santa Teresa de Jesus e o Regresso ao Essencial da Oração”, 89.

Apercebemo-nos de que Santa Teresa vai descrevendo a oração como um diálogo de amor com Aquele que nos ama e que, por isso mesmo, «orar é deixar que Deus me diga que me ama tal como sou»¹⁵⁰. Das suas palavras e dos seus ensinamentos podemos afirmar conscientemente que viver como filhos de Deus sem orar é impossível.

Como nos ensina Jesus Cristo é necessário que oremos permanentemente sem nos deixarmos desfalecer (Cf. Lc 18, 1), ou seja, devemos «determinar em nós mesmos uma atitude de radical abandono, de total confiança, de seguimento fiel, de verdadeiro e próprio enamoramento, que nos fazem pensar n'Ele, viver para Ele, desejar intensamente a união com Ele»¹⁵¹.

Em traços muito gerais somos capazes de perceber que a doutrina espiritual de Santa Teresa de Jesus se desenvolve a partir desta dimensão da Oração e que no seu centro se encontra a pessoa de Jesus Cristo, a quem adere e a quem acolhe amorosamente. Santa Teresa de Jesus não é explicável sem se fazer referência à oração: «oração e Teresa, Teresa e oração, evocam-se reciprocamente e fazem caminho juntas»¹⁵².

Evidentemente que, para Santa Teresa de Jesus, a experiência de Deus é um dom ligado à fidelidade e à oração. Isto mesmo o dizia o Papa João Paulo II, por ocasião da abertura do Ano Teresiano, em 1981: «portanto, quando alguém reza e vive da oração, quando na oração faz a experiência do Deus vivo e se doa a Ele, então assim também se dispõe a sentir mais profundamente a Igreja, na qual Cristo continua a ser presença misteriosa e a sua obra de graça»¹⁵³.

¹⁵⁰ M. FERNANDES dos REIS, “Santa Teresa de Jesus e o Regresso ao Essencial da Oração”, 102.

¹⁵¹ A. ALVES PORTUGAL, “O valor da Oração”, *Revista de Espiritualidade* 38 (2002), 83.

¹⁵² M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D, *Oração, História de Amizade*, Edições Carmelo, Oeiras, [1983], 14.

¹⁵³ L'OSSERVATORE ROMANO, “Carta do Santo Padre na abertura do Ano Teresiano”, Edição Portuguesa, 1 de Novembro de 1981, 3.

3.1. A ORAÇÃO: ENCONTRO COM CRISTO

Todo o ensinamento teresiano parte da premissa de que sem Cristo não se pode entender a Oração. A presença de Cristo neste itinerário espiritual permite-nos aceder a um encontro interpessoal, transformante e dinâmico. «A oração é encontro com Cristo, “trato de amizade” com Ele. Que transforma a vida, em dinamismo progressivamente mais amplo e mais intenso»¹⁵⁴.

No seu corpus doutrinal a oração é a palavra, é a sua vida. A sua experiência oracional é, em todos os aspectos, decisiva e determinante. Mas esta experiência é, em muitos momentos, também dolorosa. Santa Teresa de Jesus viveu e percorreu caminhos de infidelidade, chegou a abandonar o exercício da oração. «Já depois de eu andar tão distraída e sem ter oração, (...) É que estive mais de um ano sem ter oração» (V 7, 11).

O que se pretende transmitir é que viver numa incoerência de vida, sem este sentido e sem este sentir necessidade de amizade com Deus, leva a que conscientemente se crie uma ruptura na própria vida. Corremos o risco de nos deixarmos envolver por imensos passatempos sensíveis ou por atrações momentâneas. Inconscientemente começasse a ter medo de fazer oração; sente-se vergonha de estar diante de Deus.

Como relata Santa Teresa, «nem gozava de Deus, nem achava contentamento no mundo. Quando estava nos contentamentos do mundo, lembrando-me do que devia a Deus, era com pesar; quando estava com Deus, as afeições do mundo me desassossegavam» (V 8, 2). Ela, sem quaisquer dúvidas, fazia muita oração. Ainda assim naquela que foi a sua fase mais dolorosa, não era capaz de viver intimamente como verdadeira orante.

¹⁵⁴ M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D, *Oração, História de Amizade*, 135.

Apesar de tudo acreditamos que onde existe oração, existe também mudança. É um caminho lento, muitas vezes é mesmo parado mas, «onde se processa uma corrente de amizade, aí se opera e desenvolve uma conversão»¹⁵⁵. Por outras palavras, este processo por ser de amizade é transformante, uma vez que afecta a pessoa no seu todo.

Entender a oração como transformação é entender que, apesar dos momentos mais dolorosos, novamente se abre a porta à vida, ao amor, à amizade, a Deus. Com Santa Teresa de Jesus este reabrir da porta é extremamente marcado pela sua oração mística. A oração mística como temos vindo a perceber faz-se habitual, configurando e definindo a própria vida de maneira progressiva¹⁵⁶.

A oração mística é claramente o desenvolvimento de todo o processo oracional, é «a fonte onde se tem de beber a palavra que ilumina todo o processo oracional»¹⁵⁷. Não pensemos em alguma mudança de ideias ou de ideais. O que acontece na vida de Santa Teresa de Jesus é um desenvolvimento, um aprofundamento de todo o processo oracional que, desde sempre, esteve manifestado em si.

«Na sua primeira oração, Teresa procura “representar” Cristo, chegar a Ele, alcançar a Sua pessoa. Nem sempre o consegue, ou a não ser com sérios inconvenientes. Para começar, não consegue introduzi-LO satisfatoriamente na sua vida. A pessoa divina, Jesus homem, não a recolhe, não dá remédio à sua dispersão, não consegue dar coesão e harmonia, estabilidade e unidade à sua vida. Com a oração mística, pelo contrário, o próprio Deus faz-Se-lhe viva e irresistivelmente presente. Presença activamente reveladora: Deus manifesta-Se-lhe actuando nela, refazendo o seu ser, dando-lhe profundidade, tornando-a concentrada, unificando-a»¹⁵⁸.

Esta é uma experiência entre o próprio Deus e Santa Teresa de Jesus, dois protagonistas perfeitamente unidos, sem interferências. Se quisermos, é verdadeiramente uma

¹⁵⁵ M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D, *Oração, História de Amizade*, 87.

¹⁵⁶ Cf. M. HERRAÍZ, OCD., *Santa Teresa. Maestra de Espirituales*, 169-170.

¹⁵⁷ M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D, *Oração, História de Amizade*, 43.

¹⁵⁸ M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D, *Oração, História de Amizade*, 43.

intensificação da presença de Deus no homem; presença que primeiramente é receptiva e acolhedora e que, posteriormente, é doação total¹⁵⁹.

Elemento importante e que vem sendo subjacente, é o facto de a oração se pôr ao alcance de todos pelo amor, vencendo toda a aridez e esterilidade; abrindo constantemente o homem a um mundo novo. Santa Teresa de Jesus, nos seus ensinamentos, não se detém no acessório. Claramente afirma que «orar será “estar” ou “querer estar” em “tão boa companhia” como a de Deus»¹⁶⁰.

«Em especial achava-me muito bem na oração do Horto; ali era o fazer-Lhe eu companhia. Pensava naquele suor e aflição que ali tinha tido. Se pudesse, desejaria limpar-Lhe aquele tão penoso suor, mas recordo-me de que jamais ousava determinar-me a fazê-lo, pois se me representavam os meus tão graves pecados. Ficava-me ali com Ele o mais que me permitiam meus pensamentos, porque eram muitos os que me atormentavam» (V 9, 4).

Santa Teresa de Jesus apresenta-nos todo um dinamismo que leva à intensidade e à intimidade. Todo este dinamismo é fundamentalmente uma realidade viva e em movimento. Compreendida assim, a oração como amizade dinâmica, também compreendemos que seja algo inacabado. Entendida e assumida como amizade, apenas se pode estabelecer o seu início mas nunca determinar o seu fim; «precisamente por essa permanente evolução na doação-aceitação que é a oração, dizemos que é “mistério”, mistério indefinível»¹⁶¹.

Toda a oração é encontro pessoal, dinâmico e transformador com Cristo. Esta é a certeza de Santa Teresa de Jesus. É encontro que conduz o homem a uma intimidade, a uma interiorização cada vez mais profunda, na qual já está Deus presente. Ela fala concretamente deste encontro pessoal, transformador e dinâmico fazendo referência aos graus de oração.

¹⁵⁹ Cf. M. HERRÁIZ, OCD., *Santa Teresa. Maestra de Espirituales*, 170.

¹⁶⁰ M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D., *Oração, História de Amizade*, 59.

¹⁶¹ M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D., *Oração, História de Amizade*, 105.

Concretamente aos graus de oração que Santa Teresa de Jesus tão bem experiência e transmite, podemos dizer que:

«los “grados de oración” indican a la vez una posible escala de crecimiento en la relación del hombre con Dios, y diversas maneras de articularse la oración misma por parte del orante. Para entender correctamente el pensamiento de la Santa hay que tener en cuenta varias cosas: a) que la oración se mide por la vida del orante, y a la inversa, porque hay correlación entre una y otra, entre oración y acción (“obras”, dice la Santa), o entre oración y conducta, pues no hay relación con Dios sin una sensibilización hacia los hermanos, o hacia la Iglesia y la humanidad. (...) b) Y lo segundo, habrá que tener en cuenta la idea básica que T. tiene de oración, no como simple práctica de entrenamiento (acto solipsista) del orante, sino como “traro de amistad” (...) c) Es ahí donde comparecen los “grados de oración”, como niveles de amistad y de vida. (...)»¹⁶².

Esta experiência gradativa pode-se sobretudo acompanhar nos seus escritos. Santa Teresa de Jesus, no “Livro da Vida”, apresenta quatro graus de oração. Diz-nos que «pareceu-me poder assim declarar algo de quatro graus de oração em que o Senhor, por Sua bondade, tem posto algumas vezes na minha alma» (V 11, 8).

Tomás Álvarez sintetiza as palavras de Santa Teresa afirmando:

«Grado 1º: oración ascética (cc. 11-13), que puede ser simple meditación de la Palabra o de los misterios del Señor, o puede (y debe) desarrollarse en forma de atención amorosa y calada (c 13, 22: es importante este número final)»; Grado 2º: ingreso esporádico en la oración mística (cc. 14-15). La “llaman oración de quietud” (c 14 tít), nombre que retiene T. para su exposición. Consiste en un reposo pasivo y amoroso de la voluntad, fascinada por el misterio divino. Fascinación que se le otorga intermitentemente, pero que constituye una nueva manera de relacionarse con el Amigo divino»; Grado 3º: formas varias de oración fuerte, preextática, o “sueno de potencias, resultado de una intensa infusión de amor en la voluntad. La Santa recurre a las imágenes del “glorioso desatino”, la “locura celestial”, la “embriaguez” de la voluntad, “verdadera Sabiduría y deleitosísima manera de gozar en alma” (cc. 16-17)” e Grado 4º: mística unión (18, 3) que unifica toda la actividad de la mente (todas las potencias) y las une al interlocutor divino. Y se expresa

¹⁶² T. ÁLVAREZ, “Grados de oración”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), Diccionario de Santa Teresa de Jesús, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 727.

en fenómenos místicos como el éxtasis, el “vuelo de espíritu” (cc. 17-21), los incontenibles ímpetus amorosos, las heridas de amor (c 29)»¹⁶³.

Também com importância é o seu escrito das “Moradas” no qual, Santa Teresa de Jesus, vai desenvolvendo todo um processo de vida espiritual. É, sem dúvida, um itinerário que se desenvolve em sete graus.

«Primer grado: oración sumamente rudimentaria. Si el orante se halla todavía inmerso en lo exterior y en el desorden interior, su relación con Dios apenas si será real: es como la reacción del sordomudo con los otros (moradas primeras).; Grado 2º: comienzos de auténtica oración meditativa, fundada en la naciente sensibilización para las palabras y las cosas de Dios, y para la relación con El: el orante es – dice T. – como un sordomudo que comienza a oír (moradas segundas).; Grado 3º: normalización de la meditación, y cierta estabilidad de la vida espiritual (moradas terceras).; Grado cuarto: simplificación y estabilidad en la meditación, con intervalos de “quietud infusa de la voluntad” (moradas cuartas).; Grado quinto: comienza la oración de unión: estados más o menos prolongados de profunda unión a Cristo, a su presencia, a sus misterios. Con el consiguiente cambio en el sujeto: cambio en su psicología, en su relación con Dios, y en su actitud (de amor) con los otros (moradas quintas).; Grado sexto: período de oración extática; rica en gracias místicas de todo o género... (moradas sextas).; Grado séptimo: oración de unión plena; plena conformidad con la voluntad de Dios; misteriosa unión a Él, caracterizada por la experiencia de la inhabitación trinitaria (M 7, 1); por la experiencia sponsal de Cristo Señor (M 7, 2); por la especial adultez del orante y su cambio de actitudes psicológicas y teologales (M 7, 7), y por la total disponibilidad al servicio de los otros, en plena configuración a Jesús (M 7, 4)»¹⁶⁴.

Com estes dois escritos teresianos, tomar a oração como verdadeiro encontro é viver uma relação de crescimento com Deus; é uma abertura ao infinito, é uma verdadeira e perene vigília espiritual durante a qual acontece a autêntica transformação e onde toma lugar o único Amor. Do seu itinerário, a oração nunca é tomada ou sentida como preceito mas sempre como

¹⁶³ T. ÁLVAREZ, “Grados de oración”, 729.

¹⁶⁴ T. ÁLVAREZ, “Grados de oración”, 731-732.

relação íntima de amizade com Deus. Por isso nunca poderemos considerar que tenha um fim mas que seja sempre um recomeço¹⁶⁵.

Santa Teresa de Jesus apresenta-nos a oração como uma verdadeira história de amizade com Deus, que encontra o seu enraizamento no amor. Assim também para nós «orar é amar. Amar é viver. Sem dicotomias»¹⁶⁶. Tal história de amizade com Deus não acontece de forma súbita.

É um processo longo e também doloroso. Notemos que, nos nossos dias, o homem fica, na maioria das vezes, pelo grau que Santa Teresa apelida de “oração rudimentar”; um grau oracional que mais não é do que uma relação falaciosa e comercial.

Todo o ensinamento teresiano é uma verdadeira palavra viva, aprofundada, sofrida e comprometida. Por tudo isto sabemos que não foi, não é, nem será fácil. A única certeza é que é possível porque, como admite Santa Teresa de Jesus, «todos somos hábeis para amar»¹⁶⁷.

Para alcançar esta plena identificação e enamoramento com Jesus Cristo é necessário, da nossa parte, total disponibilidade e abertura ao mistério de Cristo. Teresa de Jesus soube, pela sua experiência de vida, abrir-se ao amor de Deus e por isso mesmo, viveu uma autêntica relação de amizade com Deus, uma autêntica relação esponsal.

¹⁶⁵ Cf. C. H. C. SILVA, *Experiência Orante em Santa Teresa de Jesus*, Edições Didaskalia, Lisboa, 1986, 115-116.

¹⁶⁶ M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D, *Oração, História de Amizade*, 273.

¹⁶⁷ M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D, *Oração, História de Amizade*, 273.

3.2. A ORAÇÃO DO PAI-NOSSO SEGUNDO SANTA TERESA DE JESUS

«Sucedeu que Jesus estava algures a orar. Quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos.” Disse-lhes Ele: “Quando orardes, dizei: *Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino; dá-nos o nosso pão de cada dia; perdoa os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende; e não nos deixeis cair em tentação*”» (Lc 11, 1-4).

Eis-nos perante uma verdadeira síntese onde «os místicos sempre se deixaram seduzir pelo enorme potencial da oração dominical»¹⁶⁸. Santa Teresa de Jesus apresenta-nos uma leitura espiritual e mística desta oração. Descobrimo o seu enorme potencial, a oração do Pai-Nosso, tornasse num contributo exclusivo no seu conteúdo e na sua forma orante.

Na sua pedagogia da oração não pretende colocar ênfase no falar de oração, mas de fazê-la, vivê-la. Por isso mesmo, ela, não nos apresenta um comentário puramente sistemático, mas sim um comentário como quem reza e vive.

«Con su original comentario del Padrenuestro, santa Teresa entra en el coro de grandes maestros que glosaron la oración dominical, desde la patrística hasta nuestros días. La suya no es una glosa literal, sino una elevación espiritual con intención pedagógica. Se propone orar las palabras del Señor, y a la vez educar al orante. De suerte que desde la humilde recitación vocal (rezo del Padrenuestro), llegue a la oración interior, a la Contemplación y a la unión»¹⁶⁹.

Toda a meditação que nos é apresentada no seu magistério é de alguém que vive centralmente no mistério de Deus, nas suas palavras. Sem dúvida que vivendo ao máximo o facto de chamar a Deus por Pai

¹⁶⁸ J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, *Revista de Espiritualidade* 28 (1999), 269.

¹⁶⁹ T. ÁLVAREZ, “Padrenuestro”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 1070.

«Teresa ao comentar a oração do Pai Nosso, faz pedagogia, aproveita para deixar ensinamentos muito concretos sobre a forma de rezar esta oração. Diz: há duas formas de rezar o Pai Nosso: uma como a rezam os contemplativos e as pessoas “já muito dadas a Deus”, “que já não querem coisas da terra”; a outra é a dos que repetem as petições do Pai Nosso desde as situações concretas e urgentes da vida. Para ambos, o contemplativo e principalmente, a oração do Pai Nosso implica uma acção transformadora»¹⁷⁰.

Ao longo do seu escrito “Caminho de Perfeição”, elege a oração dominical para continuar a ensinar como o próprio Jesus o fez aos seus discípulos. Santa Teresa de Jesus não vive nem transmite a oração, sobretudo a oração do Pai-Nosso, como um monólogo.

Segundo ela, a oração ou é um encontro de Pessoa a pessoa ou acaba por cair no vazio. Esta acção transformadora ajuda a entender a oração dominical como um despertar e um educar para o sentido de filiação¹⁷¹.

Este sentido de filiação, Santa Teresa, descobre-o em Jesus Cristo. «Ora ao Pai “por Cristo”, movida pela contemplação do mistério do Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado»¹⁷². Por outras palavras, ao longo do seu itinerário experiencial descobre em Cristo e, por Cristo, o Pai na sua ternura e na sua misericórdia.

É da descoberta que vai fazendo que tomaremos os seus ensinamentos ao percorrermos a oração do Pai-Nosso, petição após petição.

- “*Pai-Nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso Nome*” – para além de nos remeter para o inefável e para o silêncio contemplativo sabemos que «a palavra Pai provoca em Teresa um enternecimento e contemplação pela doação do próprio Deus (...). Teresa ficava muitas vezes absorta ao proferir apenas a primeira palavra da oração dominical»¹⁷³.

¹⁷⁰ J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 273.

¹⁷¹ Cf. T. ÁLVAREZ, “Padrenuestro”, 1073.

¹⁷² J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 276.

¹⁷³ J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 278.

- *“Que estais nos céus”* – Santa Teresa de Jesus encontra aqui um convite a que sejamos capazes de nos libertarmos de tudo o que nos impede de ver a Deus. Ela «recorda, aludindo a Santo Agostinho, que a Deus o devemos procurar dentro (...) Ele habita-nos... Onde está Deus, é o céu. O céu é o mais íntimo de cada homem»¹⁷⁴.
- *“Venha a nós, o vosso Reino”* – É um Reino que, como frisa Santa Teresa, já está em nós. É uma autêntica descoberta de que tudo é verdadeiramente dom e que, por isso mesmo, quanto mais o desejarmos e possuirmos, mais o havemos de pedir e alcançar¹⁷⁵.
- *“Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu”* – É uma descoberta e um cumprimento progressivo. Podemos observar uma radicalidade nesta petição: darmos-nos de todo ao Todo. «Perante esta petição, a santa de Ávila sabe que o homem não é capaz de cumprir a vontade de Deus se o próprio Deus não lhe der os meios para tal»¹⁷⁶.
- *“O pão nosso de cada dia nos dai hoje”* – Desta petição acompanhamos sobretudo as necessidades da comunidade. «Para Teresa este “pão nosso” é símbolo do pão quotidiano partilhado em cada dia, do alimento corporal, mas é também, e sobretudo, o pão eucarístico que mata a fome espiritual»¹⁷⁷.
- *“Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”* – Mais uma vez o sentido confirmativo de que o perdão é acima de tudo um dom do Pai. O perdoar é claramente um acto progressivo no qual cada um entrega a sua vontade e perdoa na sua própria medida. «Perdoar é sobretudo graça de Deus (...) Deus perdoa-nos para além dos nossos méritos, mas é certo que o seu perdão em nós, extravasa perdão para os demais»¹⁷⁸.

¹⁷⁴ J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 280.

¹⁷⁵ Cf. J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 283.

¹⁷⁶ J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 283.

¹⁷⁷ J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 286.

¹⁷⁸ J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 289.

- “*E não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal*” – É um realce para a fragilidade humana. «Teresa sabe que enquanto peregrinamos pela vida, estamos sujeitos à tentação, só no mais além, junto do Pai, nos livraremos deste assédio constante»¹⁷⁹.

Para Santa Teresa de Jesus orar é claramente dizer Pai-Nosso. Esta certeza permitia-lhe ficar longo tempo em contemplação. Como orante desperta e toma consciência da sua filiação. Por isso é que dizer Pai será dizer que saímos de nós mesmos, em direcção a um Tu transcendente. Dizer Pai «supõe reconhecer que Deus não é somente criador de tudo o que existe, mas que tudo criou por amor e com amor tudo guarda; supõe reconhecer que Deus nos faz filhos no Filho»¹⁸⁰.

Santa Teresa de Jesus louva o Senhor em toda a sua vida e em todos os seus ensinamentos. Com a sua mensagem continua a exortar-nos à procura, ao conhecimento e à ousadia de nos lançarmos nos seus braços. «La Santa está convencida de que en las breves palabras del Padrenuestro “se halla encerrada” una completa pedagogía de la oración: “Espántame ver que en tan pocas palabras está toda la oración y perfección encerrada, que no parece hemos menester otro libro, sino estudiar éste...” (37, 1)»¹⁸¹.

Esta entrega leva-a à união com Deus, à santificação. Por outras palavras, Santa Teresa de Jesus vive um autêntico matrimónio espiritual. Todo o seu itinerário alcança a plenitude. A sua descoberta de Deus acontece no mais interior e profundo (Cf. 7M 2, 4). A sua vida e, exemplarmente, a vida de cada homem são entendidas como autêntico diálogo com o Criador; um diálogo que tem como itinerário aspirar à verdade.

¹⁷⁹ J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 291.

¹⁸⁰ J. TEIXEIRA, “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, 278.

¹⁸¹ T. ÁLVAREZ, “Padrenuestro”, 1075.

A certeza é que “Só Deus basta” (Cf. Po 7). O homem na sua pobreza e na sua humildade não deve procurar apoios em si mesmo ou no mundo. O homem deve sim ter bem presente de que é mendigo de Deus (Cf. CIC 2559). Ser mendigo de Deus é ter consciência de que se poderá cair sem a ajuda de Deus, se não se apoiar n’Ele. «Se não te diriges a Deus com um humilde pedido de misericórdia, não reconheces nesse momento a verdade de que diante de Deus és mendigo. Se notas que não és um autêntico mendigo de Deus, entrega essa tua miséria ao Redentor e pede-Lhe que Se digne vir Ele e unir-Se contigo»¹⁸².

Como se pode observar, Santa Teresa de Jesus, nunca caiu no erro de falar de oração sem a fazer primeiramente. Indubitavelmente a oração só pode transformar a vida do orante, quando este abre o seu coração. Toda esta dinâmica transformadora encaminha a um fortalecimento do homem no seu interior; a um amadurecimento espiritual que irá facilitar o alcance e a vivência das virtudes teologais, sobretudo a da caridade, e existe um fecundo crescimento no conhecimento de Deus¹⁸³.

Santa Teresa de Jesus não é utópica nem idealista. As suas palavras são dirigidas a todos. Ela «escreve para almas simples que, buscando com sinceridade a Deus, desejam acertar no caminho da santidade e do serviço generoso à Igreja»¹⁸⁴.

Esta é consequentemente uma busca lenta e custosa, sobretudo no seu princípio. Como vai frisando nos seus escritos, basta um pouco de esforço e de perseverança, se quisermos, de determinação determinada e determinante (Cf. CP 29, 9). Deus explicitamente elegeu Santa Teresa de Jesus para «ensinar aos homens do seu tempo e aos cristãos de todos os tempos o caminho da oração»¹⁸⁵. Este caminho, por sua vez, não consiste em pensar muito mas, claramente, em amar muito.

¹⁸² S. BIELA, *Só Deus basta. Rumo à nova evangelização no terceiro milénio*, Paulus, [s.l.], [2005], 146.

¹⁸³ Cf. M. de JESUS BRITO, OCD, “A pedagogia teresiana da oração”, in *II Semana de Espiritualidade, O Homem Orante*, Edições Carmelo, Paço de Arcos [1987], 268-269.

¹⁸⁴ M. de JESUS BRITO, OCD, “A pedagogia teresiana da oração”, 269.

¹⁸⁵ M. de JESUS BRITO, OCD, “A pedagogia teresiana da oração”, 271.

CONCLUSÃO

Santa Teresa de Jesus foi, é, e continuará a ser intemporal. O seu percurso, a sua “determinada determinação” e a sua Oração, sempre nos acompanhou acompanha e acompanhará de geração em geração.

«Teresa conheceu como ninguém a urgência de comunicar aos outros o “grande bem da oração”, isto é, o grande bem do encontro pessoal de amizade com Deus. Saltou rapidamente, e com entusiasmo arrojado, à praça pública do anúncio. A sua história é digna de apreço e é também determinante neste campo. Vêm-lhe com a oração “grandíssimos desejos de fazer bem a outros”. (...) Mas o pior foi que ela própria se sentiu intimamente prejudicada: o seu processo de conversão ressentiu-se: não só se consolidou, como caíu por terra. O apostolado converteu-se para ela na grande “ocasião” que a arrastou para uma prolongada mediocridade, esvaziando-a por dentro (...)»¹⁸⁶.

A sua grande mensagem advém-nos exclusivamente do seu testemunho e da sua experiência pessoais. Todo o seu itinerário foi um caminho de encontro e confronto com Deus. Como viandante, Santa Teresa de Jesus foi sempre vivendo um enamoramento com Deus. Mesmo nos piores momentos e nos contextos mais adversos, sempre permitiu que a Palavra de Deus se entranhasse no âmago do seu ser, o que lhe foi possibilitando uma procura e uma vivência do Reino de Deus no “aqui e agora” da sua existência.

Contrastando com a mentalidade dos nossos dias, Santa Teresa de Jesus, através da oração encontrou e vivenciou uma fundamental atitude de espera. Uma espera que é concomitantemente esperança, o que a leva a tomar um caminho de seguimento e imitação¹⁸⁷.

¹⁸⁶ M. HERRAIZ GARCIA, O.C.D., *Oração, História de Amizade*, Edições Carmelo, Oeiras, [1983], 254-255.

¹⁸⁷ Cf. BENTO XVI, *Carta Apostólica Porta Fidei*, 5ª edição, Paulinas, [2012], 5.

Toda a sua “determinada determinação” e Oração a levaram a tomar consciência da sua verdadeira identidade. Santa Teresa de Jesus, desde o seio familiar, sempre se viu como filha de Deus, e filha muito amada. É isso mesmo que belissimamente transmitia às suas monjas e, paralelamente, a todos nós. Contudo, ela sabe que não é um caminho fácil, mas se entendido como caminho de amor, torna-se critério de entendimento e, por isso mesmo, de esperança.

Melhor do que ninguém, Santa Teresa de Jesus sabe da complexidade da Oração e de uma Vida de Oração. Não tem pejo em afirmar que é sempre viva a tentação para o eficientismo, para a procura do sucesso ou do poder, da promoção pessoal, esquecendo conseqüentemente a fidelidade, o diálogo e o amor com e em Deus. Difícil e exigente é fazer com que a oração nasça dentro de cada um de nós não como “comichão” mas como verdadeira exigência.

Torna-se curioso porque nos nossos dias falamos preocupadamente de Nova Evangelização e esquecemo-nos porventura do que é o essencial. Segundo Santa Teresa de Jesus, só podemos considerar a prática da Evangelização ou da Nova Evangelização se primeiramente se viver uma relação permanentemente com Cristo através da fidelidade, do amor e de uma permanente renovação do serviço. No fundo o que nos é transmitido e que devemos transpor para o “aqui e agora” das nossas vidas, é que corremos o risco de ainda não sabermos orar verdadeiramente.

O que sabemos fazer na oração é repetir palavras ou múltiplos esquemas. Ora, devemos ter em conta a pedagogia de Jesus Cristo. Santa Teresa de Jesus, pela oração do Pai-Nosso, dá testemunho do que é orar verdadeiramente. Ela mostra-nos que a oração que o próprio Jesus ensina é uma oração que vai para além de todos os esquemas pré-estabelecidos. É uma oração que se torna exigente e que nos exige a própria vida.

Pôr em prática os ensinamentos teresianos nos nossos dias nem sempre é fácil e também nem sempre o fazemos com recta intenção. No nosso mundo muitas são as resistências, as atracções, os esquemas, as palavras, tudo acções que não são verdadeiramente as de Cristo.

Apesar da realidade, é fundamental oferecer uma resposta de esperança. Esta resposta certamente permitirá ao homem deixar para trás o seu vazio, a sua alienação. É urgente ter a coragem de sair da mediocridade espiritual em que vivemos e da derrota que muitas vezes nos endurece o coração. Isto é extremamente exigente, mas é, e continua a ser possível e desafiante.

Santa Teresa de Jesus transmite-nos esta possibilidade através da oração entendida como “trato de amizade” e não meramente como “formulação comercial”. Como ela mesma diz: “rezar não é pensar muito mas amar muito”. Ora, podemos então depreender que a oração pode-se medir pela determinação com que vivemos e como colocamos em prática a vontade de Deus.

Com este itinerário podemos, depreender que uma vida cristã de oração nunca permitirá um adormecimento da realidade em geral e da nossa realidade em particular. Será sempre uma vida de entrega e de amor, que conduzirá à união com Deus e com os irmãos. Isto porque:

«assumir a oração de Jesus é uma das maneiras mais nobres de compreender a vida em intensidade e de a transfigurar em jardim de delícias, vivendo, como o homem bíblico, “do exterior para o interior e do interior para o exterior”. Uma vida que consiga tal oração é uma vida integrada, em que todos os momentos formam um todo harmonioso e se é em harmonia consigo mesmo, com os outros, com o cosmos e com Deus. Uma vida de oração como a de Jesus é harmonia, origina o “paraíso”»¹⁸⁸.

¹⁸⁸ A. dos SANTOS VAZ, OCD, *O Homem Orante*, in II Semana de Espiritualidade, Edições Carmelo, Oeiras, [1987], 69.

Assumir a oração de Jesus é tomar consciência de que na própria oração Deus ama-nos Deus trabalha-nos e transforma-nos lentamente. Santa Teresa de Jesus, melhor do que transmitir tudo isto, soube-o viver. A sua vida, o seu contexto, a sua fragilidade, a sua aridez mas também o seu imensurável amor por Deus e com Deus levou-a a afirmar desde sempre «vossa sou, para Vós nasci, que quereis Senhor de mim?» (Po 2).

Não podemos ficar inertes a uma mensagem e a um testemunho como o de Santa Teresa de Jesus. Caminhamos para o V centenário do seu nascimento cuja temática versa concretamente sobre este seu poema. Também nós devemos tomar o seu exemplo e devemos conscientemente responder à mesma interpelação, afirmando convictamente que: vosso/a sou, para Vós nasci, que quereis Senhor de mim?

Santa Teresa de Jesus, inspirada pelo Espírito Santo, manifestou à Igreja o caminho da perfeição. Os seus escritos continuam a ser voz interpeladora e revitalizante, colocando-nos diante da realidade da vida e da experiência como um autêntico desafio, uma aventura que é real e não imaginária.

Mudando completamente de vida ao encontrar-se com Cristo, passou do esforço pessoal ao abandono confiante em Deus. É por este encontro pessoal e transformante que continuamos, hoje, a pedir a Deus que nos conceda a graça de encontrarmos na doutrina espiritual, de Santa Teresa de Jesus, um alimento verdadeiro a fim de que a seu exemplo possamos entoar eternamente a Palavra de Deus, que é espírito e vida¹⁸⁹.

¹⁸⁹ Cf. MISSAL POPULAR FERIAI, 3ª edição, Gráfica de Coimbra, [Coimbra], [1997], 1539-1540.

ANEXOS

«Ó deleite meu, Senhor de todo o criado e Deus meu! Até quando hei-de esperar por vossa presença? Que remédio dais a quem o tem tão pouco na terra, para ter algum descanso fora de Vós? Ó vida longa! Ó vida penosa! Ó vida em que não se vive! Ó que soledade tão só! Tão sem remédio! Pois, quando, Senhor, quando? Até quando? Que farei, meu Bem, que farei? Porventura desejarei não desejar-Vos? Ó meu Deus e meu Criador!» (Exc 6, 1).

ANEXO I

CRONOLOGIA TERESIANA¹⁹⁰

Iº período. Vida de Teresa de Ahumada e Cepeda nos seus primeiros vinte anos.

1515	Nasce a 28 de Março em Ávila, Teresa de Ahumada, filha de Alonso Sánchez de Cepeda e de Beatriz de Ahumada. A 4 de Abril, quarta-feira Santa, Teresa é Baptizada na Igreja Paroquial de São João em Ávila.
1518	Nasce Lourenço de Cepeda, irmão de Teresa.
1520	Nasce António de Ahumada, irmão de Teresa.
1521	Nasce Pedro de Ahumada, irmão de Teresa.
1521-1523	Teresa e seu irmão Rodrigo leem o Flos Sanctorum.
1523	Fuga de Teresa e Rodrigo para terra de Mouros.
1525	Falece, em Olmedo, D. Teresa de las Cuevas, avó materna de Teresa
1527	Nasce Agostinho de Ahumada, irmão de Teresa.
1528	Nasce Joana de Ahumada, última irmã de Teresa. Neste mesmo ano falece D. Beatriz, mãe de Teresa e Ela recorre a Nossa Senhora para que fosse sua Mãe.
1528- 1530	Teresa tem uma adolescência conturbada
1531	Irmã mais velha de Teresa, Maria de Cepeda, casa-se e Teresa é internada em Santa Maria de Gracia (Ávila).
1532	Teresa fica doente pelo Outono e sai de Santa Maria de Gracia.
1533- 1534	Em convescência Teresa passa algum tempo em casa de seu tio D. Pedro. Por esta altura lê alguns livros. Lê as Cartas de S. Jerónimo. Teresa opta pela vida religiosa e seu Pai claramente se opõe.

¹⁹⁰ Cf. SANTA TERESA DE JESUS, *Obras Completas*, Edições Carmelo, [s.l.], [s.d.], 15-24.

IIº Período. Dos vinte anos até aos quarenta e sete: Teresa como Monja Carmelita

1535	2 de Novembro, Teresa fugindo de casa entra no Mosteiro da Encarnação.
1536	2 de Novembro, Teresa recebe o hábito de Carmelita da Encarnação.
1537	3 de Novembro, Teresa faz a sua profissão.
1538	Novamente pelo Outono adoece gravemente.
1539	14-15 de Agosto Teresa tem um colapso de quatro dias, ficando sem nenhum dos sentidos.
1539-1542	Teresa já está tolhida há oito meses. Começa a dar sinais de melhoras.
1542	Teresa ganha enorme devoção a S. José. Sente-se curada por sua intercessão.
1543	Seu Pai, D. Alonso encontra-se doente e Teresa presta-lhe auxílio. Acaba por falecer a 26 de Dezembro.
1544	Teresa voltando à prática da direcção espiritual regressa à prática da oração e dos Sacramentos.
1544-1553	Teresa trava uma enorme luta consigo mesma. Em causa está o recomeçar de uma vida espiritual.
1554	Conversão de Teresa durante a Quaresma. Começa uma série de graças Místicas
1557	Teresa tem o seu primeiro arroubamento.
1558-1560	Dois anos de resistências a êxtases e falas místicas.
1559	Teresa, a 29 de Junho, tem a primeira visão intelectual de Cristo
1560	Teresa, a 25 de Janeiro, tem uma visão de Cristo Ressuscitado; Também vive a graça da Transverberação e mais uma espantosa visão do inferno. Em Setembro toma a decisão de fundar um Mosteiro reformado. Escreve a 1ª Relação.
1561	15 de Agosto, aparição da Virgem e S. José.
1562	Teresa está meio ano em casa de D. Luísa, em Toledo. Escreve a 2ª Relação. A 7 de Fevereiro é publicado em Roma o Rescrito Apostólico para a fundação de S. José. 10 de Agosto, Teresa é eleita priora na Mosteiro da Encarnação.

IIIº Período. Teresa de Jesus, Fundadora do Carmelo Reformado

1562	24 de Agosto, Inauguração do Carmelo de S. José. 5 de Dezembro, Rescrito Apostólico a conceder à fundação a subsistência sem rendimentos.
1562-1567	São cinco anos em que Teresa vive sossegadamente em S. José.
1563	Escreve a 3ª Relação. Frei João de S. Matias (S. João da Cruz) veste o hábito de Carmelita em Medina.
1564	21 de Agosto, o núncio A. Crivelli, concede a Teresa a licença para continuar a residir em S. José.
1565	2 de Março, comutam a Teresa o voto de perfeição. 17 de Julho, com a Bula do papa Pio IV, é confirmada a pobreza no mosteiro de S. José.
1566-1567	Teresa de Jesus escreve o Caminho de Perfeição.
1567	27 de Abril, Teresa recebe a autorização para fundar novos conventos reformados. 13 de Agosto, Teresa sai de Ávila para fundar o Carmelo de Medina. 16 de Agosto, Teresa recebe autorização para fundar conventos de Frades contemplativos.
1568	30 de Março são assinadas as escrituras em Toledo para a fundação do Carmelo de Malagón, que é inaugurado a 11 de Abril. 15 de Agosto, fundação do Carmelo de Valhadolid, em Rio de Olmos.
1569	14 de Maio, inauguração do Carmelo de Toledo. 23 de Junho, inauguração do convento de monjas de Pastrana.
1570	1 de Novembro, inauguração do Carmelo de Salamanca.
1571	25 de Janeiro, fundação em Alba de Tormes. 6 de Abril, Teresa recebe nova autorização para continuar as suas fundações.

1571	<p>13 de Julho, Teresa renuncia formalmente à Regra mitigada e renova a sua profissão em São João de Ávila.</p> <p>27 de Julho, é pedido a Teresa que regresse novamente ao cargo de priora do mosteiro da Encarnação.</p> <p>14 de Outubro, inicia o seu priorado no mosteiro da Encarnação.</p>
1572	<p>19 de Janeiro, no mosteiro da encarnação, durante o cântico da Salve sabatina, aparece a Teresa Nosso Senhor no coro.</p> <p>Em Setembro Teresa escreve Resposta a um desafio.</p> <p>18 de Novembro, Teresa vive a graça do seu Matrimónio espiritual ao receber a Comunhão das mãos do frei S. João da Cruz.</p>
1573	<p>25 de Agosto, Teresa começa a escrever as Fundações.</p>
1574	<p>19 de Março, inauguração do Carmelo de Segóvia.</p> <p>Já em Outubro, Teresa chega à Encarnação para terminar o seu priorado.</p> <p>6 de Outubro, termina o seu cargo de priora regressando a S. José.</p>
1575	<p>24 de Fevereiro, inauguração da fundação de Beas.</p> <p>29 de Maio, inauguração do Carmelo de Sevilha.</p> <p>10 de Junho, é dada aprovação a um manuscrito dos Conceitos do amor de Deus.</p> <p>7 de Julho, Domingo Bañez assina favoravelmente ao Livro da Vida, que tinha sido denunciado à Inquisição.</p> <p>Em Dezembro, uma ex-noviça acusa Teresa de Jesus e as monjas à Inquisição.</p> <p>Teresa ainda escreve a 4ª Relação.</p>
1576	<p>Em Agosto, Teresa escreve o Modo de visitar os Conventos.</p> <p>Já em Toledo dá continuidade ao escrito das Fundações.</p>
1577	<p>Em Fevereiro, Teresa escreve Vexame.</p> <p>6-7 de Fevereiro, tem um esgotamento. É proibida de escrever.</p>

1577	2 de Junho, em Toledo, Teresa começa a redigir o livro das Moradas. Este livro é terminado a 29 de Novembro, em S. José de Ávila.
1579	6 de Junho, véspera de Pentecostes, Teresa escreve quatro avisos para os descalços. 16-22 de Julho, Teresa envia a D. Teutónio a sua obra Caminho de Perfeição e a Vida de S. Alberto para serem publicados em Évora.
1580	13 de Fevereiro, Teresa vai de Malagón para a fundação em Villa Nueva de la Jara. 26 de Março, chega a Toledo doente do coração. Agosto, ainda viaja para Medina e Valhadolid onde fica gravemente doente.
1581	3 de Junho, inauguração do Carmelo de Sória. 6 de Setembro chega a Ávila, onde é eleita priora de S. José.
1582	2 de Janeiro, parte para a fundação de Burgos. 20 de Setembro, regressa a Alba de Tormes, muitíssimo doente. 3 de Outubro, Teresa de Jesus recebe os últimos Sacramentos. 4 de Outubro, pelas nove da noite, Teresa de Jesus morre em Alba de Tormes.

ANEXO II

LIVRO VIII DAS CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO, A CONVERSÃO

CAPÍTULO 11. O ESPÍRITO E A CARNE. ÚLTIMAS LUTAS¹⁹¹

«Assim sofria e me atormentava, acusando-me muito mais asperamente que de ordinário, rolando-me e revolvendo-me nas minhas cadeias até que totalmente estalassem, pois só tenuamente estava atado a elas. Mas, enfim, ainda estava preso. E Vós, ó Senhor, instáveis nos recônditos do meu coração. Com severa misericórdia duplicáveis os açoites do temor e da vergonha, para eu não afroixar e para eu partir as pequenas e leves cadeias que tinham ficado, a fim de se não robustecerem de novo, ligando-me mais tenazmente.

Dizia dentro de mim: - “Vai ser agora, agora mesmo”. E pelas palavras caminhava para a decisão final. Estava a ponto de a cumprir, e não a cumpria. Já não recaía nas antigas paixões, mas estava próximo delas e respirava-as. Faltava pouco, sim, faltava pouco. Já quase a atingia e segurava. Mas ainda lá não estava, nem a tocava, nem a alcançava, hesitando em morrer na morte ou viver na vida. A paixão, arreigada em mim, dominava-me mais do que o bem, cujo hábito desconhecia. Ao passo que se vinha aproximando o tempo em que me devia transformar noutro homem, maior era o horror que me incutia. Mas este não me repelia para trás nem me desencaminhava. Simplesmente, mantinha-me indeciso. Retinham-me preso bagatelas de bagatelas, vaidades de vaidades, minhas velhas amigas, que me sacudiam o

¹⁹¹ AGOSTINHO DE HIPONA, *Confissões*, VIII, 11, 13ª Edição, Livraria A. I. – Braga, [1999], 181-182.

vestido carnal e murmuravam baixinho: - “Então despedes-nos? Daqui por diante, nunca mais estaremos contigo. Desde agora, nunca mais te será lícito fazer isto e aquilo...”.

E que coisas, ó meu Deus, que pensamentos me sugeriam as vaidades no que eu chamei “isto e aquilo”! Afaste-os da alma do vosso servo a vossa misericórdia! Que imundícies me sugeriam, que indecências! Reduzia-se já a menos de metade o número de vezes que lhes dava ouvidos. Já as vaidades me não contradiziam abertamente, de frente, mas como que a segredar-me pelas costas, espicaçavam-me furtivamente para que olhasse para trás quando procurava afastar-me. Contudo, faziam-me retardar, por duvidar arrancar-me e desfazer-me delas para saltar aonde me chamavam, enquanto o hábito violento me rosnava: - “Julgas que poderás passar sem elas?”. Mas o hábito já me dizia isto com voz mais débil.

Do lado para onde voltava o rosto e por onde temia passar, abria-se diante de mim a casta dignidade da continência, serena, sem alegria desordenada. Convidava-me, acariciando-me honestamente, para que viesse sem receios. Estendia-me as mãos piedosas e cheias de rebanhos de boas obras para me receber e me abraçar. Junto dela, quantos meninos, donzelas, numerosa juventude, homens de todas as idades, viúvas venerandas, virgens idosas! Em ninguém era estéril a mesma continência, senão mãe fecunda de filhos gerados nas tuas alegrias, Esposo e Senhor. Ria-se de mim com ironia animadora, como que a dizer: - “Então, não poderás fazer o que estes e estas fizeram? É porventura por si mesmos que estes o podem fazer? Não é por virtude de seu Deus e Senhor? Foi o Senhor, seu Deus, quem me entregou a eles. Porque te apoias em ti, ficando assim instável? Lança-te n’Ele e não temas! Ele não fugirá de ti e tu não cairás. Lança-te confiadamente e Ele, recebendo-te, curar-te-á”.

Estava todo envergonhado porque ainda ouvia os murmúrios daquelas bagatelas e ficava suspenso na dúvida. De novo, a castidade parecia dizer-me: - “Sê surdo às tentações imundas dos teus membros na terra, para os mortificares. Narram-te deleites, mas estes não são segundo a lei do Senhor, teu Deus”.

Esta controvérsia em meu coração, era apenas eu a lutar comigo mesmo. Entretanto, Alípio, fixo a meu lado, aguardava, silencioso, o desenlace desta insólita agitação».

CAPÍTULO 12. A CONVERSÃO¹⁹²

«Quando, por uma análise profunda, arranquei do mais íntimo toda a minha miséria e a reuni perante a vista do meu coração, levantou-se enorme tempestade que arrastou consigo uma chuva torrencial de lágrimas. Para as derramar todas com seus gemidos, afastei-me de Alípio, porque a solidão representava-se-me mais acondicionada ao choro. Retirei-me o suficiente para que a sua presença me não pudesse ser pesada.

Eis em que estado me encontrava! Alípio bem o adivinhou, porque lhe disse, julgo eu, qualquer coisa em que se descortinava o tom pesado que o choro imprimia ao timbre da voz. Tinha-me, então, erguido. Alípio, no auge do assombro, fixou-se imóvel no sítio onde estivéramos. Retirei-me, não sei como, para debaixo duma figueira e larguei as rédeas ao choro.

Prorromperam em rios de lágrimas os meus olhos. Este sacrifício era-Vos agradável. Dirigi-Vos muitas perguntas, não por estas mesmas palavras, mas por outras do mesmo teor: - “E Vós, Senhor, até quando? Até quando continuareis irritado? Não Vos lembreis das minhas antigas iniquidades”. Sentia ainda que elas me prendiam. Soltava gritos lamentosos: - “Por quanto tempo, por quanto tempo, andarei a clamar: - ‘Amanhã, amanhã’? Porque não há-de ser agora? Porque não há-de vir nesta hora o termo das minhas torpezas?”.

¹⁹² AGOSTINHO DE HIPONA, *Confissões*, VIII, 182-184.

Assim falava e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de súbito, oiço uma voz vinda da casa próxima. Não sei se era de menino. Se de menina. Cantava e repetia frequentes vezes: - “Toma e lê. Toma e lê”.

Imediatamente, mudando de semblante, comecei com a máxima atenção a considerar se as crianças tinham ou não o costume de trautear essa canção em algum dos jogos. Vendo que em parte nenhuma a tinha ouvido, reprimi o ímpeto das lágrimas e levantei-me, persuadindo-me que Deus só me mandava uma coisa: abrir o códice e ler o primeiro capítulo que encontrasse. Tinha ouvido que Antão, assistindo, por acaso, a uma leitura do Evangelho, fora por ela advertido, como se essa passagem que se lia lhe fosse dirigida pessoalmente: - “Vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-Me”. Com este oráculo se converteu a Vós.

Abalado, voltei aonde Alípio estava sentado, pois eu tinha aí colocado o livro das Epístolas dos Apóstolos, quando de lá me levantei. Agarrei-o, abri-o e li em silêncio o primeiro capítulo em que pus os olhos: - “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites”.

Não quis ler mais, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena e todas as trevas da dúvida fugiram. Então, marcando a passagem com o dedo ou com outro sinal qualquer, fechei o livro.

Já com o rosto tranquilo, contei tudo a Alípio. Por sua vez, ele também me descobriu tudo o que por si se passara e que eu ignorava. Pediu-me que lhe mostrasse a passagem lida por mim. Indiquei-lha e ele prosseguiu, ultrapassando o que tinha lido. Eu ignorava, porém, o texto seguinte que era este: - “Recebei ao fraco na fé”. Alípio aplicou-o a si próprio, perfeitamente de acordo com os seus costumes regrados que, desde há muito tempo, o distanciavam enormemente de mim. Sem hesitação alguma turbulenta, juntou-se a mim.

Vamos ter em seguida com minha mãe e declaramos-lhe o sucedido. Ela rejubila. Contamos-lhe como o caso se passou. Exulta e triunfa, bendizendo-Vos, Senhor, “que sois poderoso para fazer todas as coisas mais superabundantemente do que pedimos ou entendemos”. Bendizia-Vos porque via que, em mim, lhe tínheis concedido muito mais do que ela costumava pedir, com tristes e lastimosos gemidos.

De tal forma me convertestes a Vós que eu já não procurava esposa, nem esperança alguma do século, mas permanecia firme naquela regra de fé em que, tantos anos antes, me tínheis mostrado a minha mãe. Transformastes a sua tristeza numa alegria muito mais fecunda do que ela desejava e muito mais querida e casta do que a que podia esperar dos netos nascidos da minha carne».

BIBLIOGRAFIA

I. FONTES

- BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, 4ª edição, Lisboa/Fátima, [2002].
- SANTA TERESA DE JESUS, *Obras Completas*, Edições Carmelo, [s.l.], [s.d.].

II. MAGISTÉRIO

- BENTO XVI, *Carta Apostólica Porta fidei*, 5ª Edição, Paulinas, [s.l.], [2012].
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2ª Edição, Gráfica de Coimbra, [s.d.].
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Gráfica de Coimbra, Coimbra, [s.d.].
- CONGRAGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Partir de Cristo. Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milénio*, 4ª edição, Paulinas, [s.l.], [2004].

- CONGRAGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Verbi Sponsa. Instrução sobre a Vida Contemplativa e a Clausura das Monjas*, Paulinas, [s.l.], [1999].
- JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*, 2ª edição, Editorial A.O. – Braga, [Braga], 2001.
- JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*, 2ª edição, Paulinas, [s.l.], [s.d.].
- PAULI PP. VI, *Homilia In Basilica Vaticana habita postquam Summus Pontifex Sanctam Theresiam de Avila, Virginem, Ecclesiae universalis Doctorem declaravit*, in *AAS* 62 (septembris 1970) 590-596.

III. INSTRUMENTOS DE TRABALHO

- ÁLVAREZ, T., “Contemplación”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 410-418.
- ÁLVAREZ, T., “Grados de oración”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 727-734.

- ÁLVAREZ, T., “Padrenuestro”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), Diccionario de Santa Teresa de Jesús, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 1070-1075.
- ÁLVAREZ, T., “Teresa de Ávila (santa)”, in E. ANCILLI (Dir.), Diccionario Espiritualidad, Tomo III, Editorial Herder, Barcelona, 1984, 474-493.
- DUMEIGE, G., “História da Espiritualidade”, in Dicionário de Espiritualidade, Edições Paulinas, São Paulo, 1989 489-510.
- GARCÍA, C., “Esperanza, Teología y espiritualidad de la”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), Diccionario de Santa Teresa de Jesús, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 594-611.
- MALAX, F., “Determinación”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), Diccionario de Santa Teresa de Jesús, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 505-511.
- MARTÍN Del BLANCO, M., “*María Santísima*”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), Diccionario de Santa Teresa de Jesús, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 942-954.
- RENEDO, E., “Doctorado”, in T. ÁLVAREZ (Dir.), Diccionario de Santa Teresa de Jesús, Monte Carmelo, [Burgos], [2000], 556-565.

IV. BIBLIOGRAFIA GERAL

- AAVV. *Nueva Historia de la Iglesia. Reforma y Contrarreforma*, Tomo III, Ediciones Cristandad, Madrid, [1966].
- ÁLVAREZ, T., *Assim Orava Santa Teresa*, Edições Carmelo, Oeiras, [s.d.].
- ÁLVAREZ, T., *Estudos Teresianos: Biografia e História*, Vol. I, Editorial Monte Carmelo, Burgos, [s.d.].
- ÁLVAREZ, T., *Estudos Teresianos: Estudos de los Textos*, Vol. II, Editorial Monte Carmelo, Burgos, [s.d.].
- ÁLVAREZ, T., *Estudos Teresianos: Doctrina Espiritual*, Vol. III, Editorial Monte Carmelo, Burgos, [s.d.].
- ALVES, M., “Quem é Cristo para Teresa de Ávila”, *Revista de Espiritualidade* 48 (2004) 285-314.
- ANTONIO MARCOS, J., “Todo son estratagemas (Sobre Santa Teresa y el discurso místico)”, *Revista de Espiritualidad* 61 (2002) 161-183.
- ANTONIO MARCOS, J., “El arte de narrar en las Fundaciones de Teresa de Jesús. «Vivir para contarlo»”, *Revista de Espiritualidad* 71 (2012) 449-474.

- ARÓSTEGUI, L., “Santa Teresa de Jesús, testimonio teológico”, *Revista de Espiritualidad* 61 (2002) 201-229.
- AUCLAIR, M., *La vie de Sainte Thérèse D’Avila*, Éditions du Seuil, [s.l.], [1950].
- AUCLAIR, M., *Santa Teresa de Ávila*, 4ª Edição, Livraria A. I., Braga, [2001].
- BALTHASAR, H., U., von, *Gloria. Una estética teológica*, Vol. I, Madrid, 1985.
- BARRIENTOS, A., *Introducción a la Lectura de Santa Teresa*, Editorial de Espiritualidad, Madrid, [s.d].
- BENTO XVI, “Santa Teresa de Ávila”, *Revista de Espiritualidade* 75 (2011) 169-173.
- BIELA, S., *Só Deus basta. Rumo à nova evangelização no terceiro milénio*, Paulus, [s.l.], [2005].
- BRITO, M. J., OCD, “A pedagogia teresiana da oração”, in II Semana de Espiritualidade, *O Homem Orante*, Edições Carmelo, Paço de Arcos, [1987], 268-269.
- CASSIANO, J., *Da Oração*, Edições Ora & Labora, Mosteiro de Singeverga, 2001.
- CASTELLANO CERVERA, J., “El doctorado de Santa Teresa y su nueva presencia”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 207-228.

- CASTRO, S., “*El profetismo de Santa Teresa ante el siglo XXI*”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 235-241.
- CASTRO, S., *Ser Cristiano segun Santa Teresa. Teologia y Espiritualidad*, Editorial de Espiritualidad, Triana, Madrid, [s.d.].
- CEREZO GALÁN, P., “La experiencia de la subjetividad en Teresa de Jesús”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 171-204.
- CROSBY, M. H., *A Oração que Jesus nos ensinou*, Paulus, [s.l.], [2004].
- CRUZ, O., “«Eso poquito que era en mí». Teresa de Jesús y la crisis de la vida religiosa”, *Revista de Espiritualidad* 64 (2005) 49-95.
- CUNNINGHAM, L. S. – EGAN, K. J., *Espiritualidad Cristiana. Temas de la Tradición*, Editorial Sal Terrae, Santander, [2004].
- CUSTODIO VEGA, A., O.S.A., *La poesia de Santa Teresa*, 2ª Edicion, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1975.
- DAMIÁN GAITÁN, J., “La espiritualidad como camino y el camino de la espiritualidad”, *Revista de Espiritualidad* 58 (1999) 421-440.

- DIEGO SÁNCHEZ, M., “Novedad bibliográfica. Santa Teresa cuenta ya con una bibliografía sistemática”, *Revista de Espiritualidad* 67 (2008) 509-528.
- DIEZ, J. G., *Vida e doutrina de Santa Teresa de Jesus*, Edições Carmelo, Paço de Arcos, 2000.
- DOBHAN, U., “El mensaje teresiano ante el siglo XXI”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 243-249.
- EGIDO, T., “La Biografía Teresiana y nuevas claves de comprensión histórica”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 45-59.
- EGIDO, T., “Trabajos, dineros y negocios de Santa Teresa”, *Revista de Espiritualidad* 61 (2002) 185-199.
- FERNÁNDEZ FRONTELA, L. J., “Las peregrinaciones en la Edad Media”, *Revista de Espiritualidad* 58 (1999) 389-420.
- GARCÍA, S. Ros, “El carisma del Carmelo vivido e interpretado por Santa Teresa”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 537-572.

- GARCÍA, S. Ros, “El carisma mistagógico de santa Teresa”, *Revista de Espiritualidad* 66 (2007) 419-443.
- GARCÍA, S. Ros, “Experiencia y transmisión de la fe con Teresa de Jesús”, *Revista de Espiritualidad* 61 (2002) 231-254.
- GARCÍA, S. Ros, “La conversión de santa Teresa. Lectura de una experiencia fundante (450 años)”, *Revista de Espiritualidad* 63 (2004) 367-386.
- GARCÍA, S. Ros, “La presencia ausente de Dios en Teresa de Jesús”, *Revista de Espiritualidad* 71 (2012) 9-35.
- GARCÍA, S. Ros, “Santa Teresa. En su condición histórica de Mujer Espiritual”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesús y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 61-80.
- GARCÍA-LUENGOS, G. V., “Santa Teresa de Jesús ante la crítica literaria del siglo XX”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesús y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 135-152.
- GARRIDO, J. M., “La misión en las cartas de Santa Teresa”, *Revista de Espiritualidad* 61 (2002) 255-321.

- GONZÁLEZ-CARVAJAL SANTABÁRBARA, L., “El Carmelo Teresiano-Sanjuanista ante la cultura del siglo XXI”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 627-644.
- GROULT, P., *Los Místicos de los Países Bajos y la Literatura Espiritual Española del Siglo XVI*, Fundación Universitaria España, Alcalá, Madrid, 1976.
- HERRAIZ GARCIA, M., O.C.D, *Oração, História de Amizade*, Edições Carmelo, Oeiras, [1983].
- HERRAIZ GARCIA, M., O.C.D, *Teresa de Jesus. Testigo y Maestra de Oracion*, Cuadernos de Espiritualidad 3, Madrid, [1987].
- HERRÁIZ, M., “Proyección pastoral de Santa Teresa: Apuntes para una reflexión”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 229-233.
- HERRÁIZ, M., OCD., *Santa Teresa. Maestra de Espirituales*, Vol. 13, Editorial Raxant, Madrid, [s.d].
- HUERTA ROMÁN, M^a. P., CD, «La ‘determinada determinación teresiana’», *Revista de Espiritualidad* 70 (2011) 83-99.
- HUERTA ROMÁN, HNA. M^a. P., “Pablo y Teresa de Jesús: Conversión y enamoramiento”, *Revista de Espiritualidad* 67 (2008) 275-289.

- HUSCENOT, J., *Los Doctores de la Iglesia*, Vol. 39, San Pablo, [1999].
- JEDIN, H., *Manual de Historia de la Iglesia. Reforma, Reforma Católica y Contrarreforma*, Tomo V, Editorial Herder, Barcelona, 1972.
- LANFRANCE, J., *Perseverantes na Oração. Comentário ao Veni Sancte e ao Veni Creator*, Editorial A.O. – Braga, [Braga], [1992].
- LEAL, A. R., “Os que amaram e seguiram Teresa”, *Revista de Espiritualidade* 21 (1998) 59-79.
- LÓPEZ PARADELA, M., Pbro., *Guía Práctica de Almas Espirituales*, Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca, 2005.
- LORTZ, J., *Historia de la Iglesia. En la perspectiva de la Historia del pensamiento*, Vol. II, Ediciones Cristiandad, [Madrid], [1982].
- L'OSSERVATORE ROMANO, “*Carta do Santo Padre na abertura do Ano Teresiano*”, Edição Portuguesa, 1 de Novembro de 1981.
- L'OSSERVATORE ROMANO, “*O valor e as características da doutrina de Santa Teresa*”, Edição Portuguesa, 4 de Outubro de 1970.

- L'OSSERVATORE ROMANO, “*Ano Jubilar do IV centenário da morte de Santa Teresa de Jesus: Segredo e mensagem de um nome*”, Edição Portuguesa, 18 de Outubro de 1981.
- L'OSSERVATORE ROMANO, “*Carta do Santo Padre na abertura do Ano Teresiano*”, Edição Portuguesa, 1 de Novembro de 1981.
- MARÍÑO, M^a. J., “Buscando el lugar del cuerpo en un camino espiritual. Algunas aportaciones sobre la corporeidad en la doctrina de Teresa de Jesús”, *Revista de Espiritualidad* 70 (2011) 331-367.
- MARTÍN VELASCO, J., “Espiritualidad antigua y nueva: El Carmelo Teresiano-Sanjuanista ante el Espíritu del siglo XXI”, in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 605-625.
- MARTÍNEZ, J., E., “Teresa de Jesus fundadora. Ayer, hoy y mañana de un proyecto necesario”, *Revista de Espiritualidad* 71 (2012) 401-424.
- MARTINI, C. M., “*Sólo Dios Basta*”. *Reflexões sobre a Oração*, Gráfica de Coimbra, [Coimbra], 1996.
- MISSAL POPULAR FERIAI, 3^a Edição, Gráfica de Coimbra, [Coimbra], [1997].

- NOUWEN, H. J. M., *Aqui e Agora. Vida no Espírito*, 3ª edição, Paulinas, [s.l.], [2002].
- PABLO MAROTO, D. de, *El «Camino Cristiano». Manual de Teología Espiritual*, Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca – Caja Salamanca y Soria, [Salamanca], [1996].
- PABLO MAROTO, D. de, *Historia de la Espiritualidad*, Vol.10, Madrid, [s.d.].
- PABLO MAROTO, D. de, “Los «caminos» de Teresa de Jesús”, *Revista de Espiritualidad* 58 (1999) 489-522.
- PACHO, E., O.C.D., “La Mística Carmelitana y su influjo en la Mística Cristiana”, in C. GARCÍA (Org.), *Mística en Diálogo. Congreso Internacional de Mística, Selección y Síntesis*, Monte Carmelo, [Burgos], [2004], 97-113.
- PAGOLA, J. A., “Mística, Pastoral y Nueva Evangelización” in S. Ros GARCÍA (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesus y Juan de la Cruz*, Salamanca, 1997, 667-686.
- PEDROSO, D., S.J., *Ver o Invisível. Encontros com personagens do Evangelho*, Editorial A. O. – Braga, [Braga], [2004].
- PORTUGAL, A. A., “O valor da Oração”, *Revista de Espiritualidade* 38 (2002) 83-84.

- PORTUGAL, A. A., “«Até à identificação com Cristo»: em São Paulo e Teresa de Jesus”, *Revista de Espiritualidade* 71 (2010) 163-164.

- PUNDA, E., *La Fede in Teresa D’Avila*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Serie Teologia 187, Roma, 2011.

- REIS, J. F. dos, “Santa Teresa de Jesus mais próxima”, *Revista de Espiritualidade* 32 (2000) 291-294.

- REIS, M. F. dos, “Santa Teresa de Jesus e o Regresso ao Essencial da Oração”, *Revista de Espiritualidade* 38 (2002) 85-114.

- REIS, M. F. dos, “Santa Teresa de Jesus e a «arte de viver» - II”, *Revista de Espiritualidade* 84 (2013) 271-306.

- ROS, S., “Nueva edición crítica-facsímil del «Libro de la Vida» de Santa Teresa”, *Revista de Espiritualidad* 60 (2001) 133-158.

- ROPS, D., *A Igreja do Renascimento e da Reforma. Uma era de renovação: A Reforma Católica*, Vol. IV-2º, Livraria Tavares Martins, Porto, 1969.

- *Santa Teresa de Jesus. As mais belas páginas de Santa Teresa de Jesus*, Edições Carmelo, [Marco de Canaveses], [2004].

- SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, 13ª edição, Livraria A.I. – Braga, [Braga], [1999].

- SESÉ, B., “El epistolario de Teresa de Jesús”, *Revista de Espiritualidad* 57 (1998) 703-721.
- SICARI, A. M., *La Vida Espiritual del Cristiano*, Manuales de Teología Católica, Vol. XVII, Edicep, [Valencia], [s.d.].
- SILVA, C. H. C., *Experiência Orante em Santa Teresa de Jesus*, Edições Didaskalia, Lisboa, 1986.
- SILVA, C. H. C., “Número diferencial da morte St.^a Teresa de Ávila e a visão do seu «tempo de vida»”, *Revista de Espiritualidade* 74 (2011) 92-160.
- SILVA, C. H. C., “Paradoxo do «Eu» segundo S. Paulo e socratismo cristão de Santa Teresa de Jesus – Do apostolado «cristomórfico» ao diálogo com o Amor divino”, *Revista de Espiritualidade* 71 (2010) 165-240.
- TEIXEIRA, J., “Rezar o «Pai Nosso» com Santa Teresa de Jesus”, *Revista de Espiritualidade* 28 (1999) 269-292.
- VAZ, A. S., “Santa Teresa de Ávila: a ‘Vida’ e a Bíblia”, *Revista de Espiritualidade* 75 (2011) 175-186.
- VECHINA, J. C., “Santa Teresa de Jesus mais próxima”, *Revista de Espiritualidade* 32 (2000) 291-294.

ÍNDICE

SIGLÁRIO.....	3
INTRODUÇÃO	4

CAPÍTULO I

SANTA TERESA DE JESUS: MULHER DO SEU TEMPO

1. A SUA VIDA.....	7
2. ESPANHA DO SÉCULO XVI NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL	14
2.1. CONTEXTO HISTÓRICO.....	14
2.2. CONTEXTO SOCIAL	18
3. TERESA DE JESUS: EXPERIÊNCIA E TESTEMUNHO DE FÉ. O SEU CONTEXTO ECLESIAL	22
3.1. EXPERIÊNCIA E TESTEMUNHO DE FÉ. O CONTRIBUTO DE SANTO AGOSTINHO E DA SAGRADA ESCRITURA.....	25

CAPÍTULO II

SANTA TERESA DE JESUS: PRESENÇA ACTUAL NA VIDA DA IGREJA E DO MUNDO

1. A DESCOBERTA DE DEUS NA “DETERMINADA DETERMINAÇÃO” TERESIANA	31
2. A VIVÊNCIA EVANGELIZADORA DE TERESA DE JESUS.....	36
2.1. SENTIR COM A IGREJA E EM IGREJA	37
3. A ACTUALIDADE DE UM DESAFIO	41
3.1. TERESA DE JESUS, DOUTORA DA IGREJA	43
3.2. PRESENÇA PARA O CRISTÃO DE HOJE	48

CAPÍTULO III

TRAÇOS DA DOUTRINA ESPIRITUAL DE SANTA TERESA DE JESUS

1. A MÍSTICA CARMELITANA COMO DIÁLOGO	53
1.1. SANTA TERESA DE JESUS CONTEMPLATIVA MÍSTICA	57
1.2. FORTE TESTEMUNHO DE ESPERANÇA CRISTÃ.....	59

2. MARIA: MÃE E MODELO NA EXPERIÊNCIA TERESIANA.....	63
3. A CENTRALIDADE DA ORAÇÃO NA DOCTRINA ESPIRITUAL TERESIANA	66
3.1. ORAÇÃO: ENCONTRO COM CRISTO	69
3.2. A ORAÇÃO DO PAI-NOSSO SEGUNDO SANTA TERESA DE JESUS.....	75
CONCLUSÃO	80
ANEXOS	85
BIBLIOGRAFIA.....	95
ÍNDICE.....	109